

MAIÊUTICA ARTE E CULTURA



REVISTA MAIÊUTICA

Arte e Cultura

UNIASSELVI 2018

Presidente do Grupo UNIASSELVI

Prof. Pedro Jorge Guterres Quintans Graça

Reitor da UNIASSELVI

Prof. Hermínio Kloch

Pró-Reitor de Ensino de Graduação Presencial

Prof. Antonio Roberto Rodrigues Abatepaulo

Pró-Reitora de Ensino de Graduação a Distância

Prof.^a Francieli Stano Torres

Pró-Reitor Operacional de Graduação a Distância

Prof. Érico Coelho Ribeiro

Pró-Reitor de Pós-Graduação

Prof. Carlos Fabiano Fistarol

Editor da Revista Maiêutica

Prof. Luis Augusto Ebert

Comissão Científica

Vania Konell

Elisiane Souza Saiber Lopes

Clara Ariele Schley

Tatiane Jerusa Odorizzi

Brigitte Grossmann Cairus

Cristiane Kreisch

Débora Costa Pires

Editoração e Diagramação

Letícia Vitorino Jorge

Capa

Cleo Schirmann

Revisão Final

Bruna Maria Boing Ribeiro

Marcio Kisner

Publicação *On-line*

Propriedade do Centro Universitário Leonardo da Vinci

Apresentação

Apresentamos mais uma edição da Revista Maiêutica “Arte e Cultura” do Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. O conteúdo é oriundo de trabalhos acadêmicos, pesquisas de iniciação científica, projetos de ensino, experiência de estágio ou de notório valor acadêmico, elaborados tanto de forma individual como em grupos de trabalho. Desta forma, a revista é um espaço privilegiado para publicação e tem como missão intensificar e divulgar a produção didático-científica de acadêmicos, tutores e professores do curso, que apresentam interesse em publicar artigos na área, cumprindo também o importante papel de tornar acessível à comunidade o que se produz de conhecimento em nosso Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI. Essa publicação evidencia a importância de pesquisar, analisar, refletir, aprofundar, socializar os resultados e trocar ideias e assim enriquecer o mundo acadêmico com saberes. Afinal, o nome Maiêutica relembra o conceito socrático de que é preciso trazer as ideias à luz, fazer nascer o conhecimento, confirmando a dialética necessária da construção da sabedoria humana. Assim, convidamos você a ler a Revista Maiêutica do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIASSELVI, e desejamos que os artigos aqui disponibilizados possibilitem reflexões sobre temas relacionados diretamente à atuação profissional do professor de Artes Visuais, bem como contribuir com a sua caminhada acadêmica e profissional.

Boa leitura!

Vania Konell



SUMÁRIO

1 A HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL E SUA ABORDAGEM PEDAGÓGICA **The history of arts education in Brazil and its pedagogical approach**

Joana Maria Carvalho de Souza

José Gabriel Corrêa

Carem Roveda

Cristiane Kreisch 7

2 ANÁLISE DE CURRÍCULO: questões Enade 2014 e os conteúdos curriculares de licenciatura do curso de Artes Visuais da Uniasselvi

Curriculum analysis: Enade 2014 questions and curricular contents of the degree course of the Visual Arts course of Uniasselvi

Tatiane Jeruza Odorizzi

Vania Konell 15

3 A FUNÇÃO QUESTIONADORA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEUS SUBGÊNEROS NO ENSINO DE ARTES

The questioning function of histories in comic books and its subgeniers in arts education

Gisele Henriques

Samara Pantoja Pompeu 29

4 CINEMA: a estética do holocausto e nazismo

Cinema: the aesthetics of the holocaust and nazism

Taís Verdade

Ana Lúcia Oliveira Fernandez Gil 35

5 O DESENHO NA HISTÓRIA DA ARTE

The drawing in the history of art

Gabriele Nunes da Silva

Keli Tamara Padilha

Samantha Salomon Hube 53

6 PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE E NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: construindo uma sociedade com equidade

Learning processes in diversity and special educational needs: building a society with equity

Andreza de Oliveira

Michelli Andreia Souza 65

7 PESQUISA CIENTÍFICA: uma breve abordagem

Scientific research: a brief approach

Idalci Frogel Cascaes

Ana Paula Klahold Rosa 73

A HISTÓRIA DO ENSINO DE ARTES NO BRASIL E SUA ABORDAGEM PEDAGÓGICA

The history of arts education in Brazil and its pedagogical approach

Joana Maria Carvalho de Souza¹

José Gabriel Corrêa²

Carem Roveda³

Cristiane Kreisch⁴

Resumo: Ao longo da história no Brasil, o ensino de artes ganhou difusores desfavoráveis ao seu incentivo dentro da educação. No entanto, é dentro das artes que, principalmente, as crianças podem aflorar e lapidar sua cognição e coordenação motora, o que influenciará fortemente no seu desenvolvimento ao longo dos anos e em sua desenvoltura nos momentos acadêmicos. A partir dos materiais e artigos escolhidos, o seguinte paper vem com o intuito de explorar o contexto que levou o ensino de artes a este estágio e ressaltar sua tamanha importância para o crescimento e o desenvolvimento das crianças, discursando acerca dos principais pontos influenciados pela prática pedagógica artística. Assim, entre a principal reflexão desta pesquisa, busca-se salientar o desenvolvimento cognitivo e imagético, em que a valorização do ser e do próximo são os principais focos de atuação, resultando em uma formação carregada de experiências e conhecimentos importantes para que a criança possa estar preparada para sua jornada escolar e dentro da sociedade.

Palavras-chave: Ensino de Artes. Formação do ser. Desenvolvimento cognitivo.

Abstract: Throughout history in Brazil, the arts education has gained diffusers unfavorable to its incentive within education. However, it is within the arts that, in particular, children can grow and constitute their cognition and motor coordination, which will strongly influence their development over the years and their resourcefulness in academic moments. From the materials and articles chosen, the following paper aims to explore the context that led the teaching of arts to this stage and highlight its importance for children's growth and development, discourse on the main points influenced by the pedagogical practice Artistic. Thus, among the main reflection of this research, we aim to highlight the cognitive and imaginary development, where the valorization of the being and of the other one are the main focus of action, resulting in a loaded training of experiences and important knowledge so that the child can be prepared for their school day and within society.

Keywords: Arts Education. Formation of being. Cognitive development.

Introdução

O ensino de artes passou por diversas modificações ao longo da história do Brasil, desde o momento em que as técnicas eram ensinadas aos indígenas, a fim de que os colonizadores gozassem de mão de obra barata, perpassando pelo período de colonização de povoamento à

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Acadêmico do curso de Licenciatura em Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

³ Tutor Externo do curso de Licenciatura em Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

⁴ Docente do Curso de Licenciatura em Artes Visuais - Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

modernização do país e, finalmente, à ruptura dos cânones através da Semana de Arte Moderna, em 1922. Todos esses momentos históricos influenciaram fortemente o desenvolvimento artístico do país.

Em 1996, a disciplina de artes passa a fazer parte integral do currículo escolar do ensino básico, sendo ele obrigatório. Esta foi a forma encontrada para induzir um apego cultural aos alunos. No entanto, no decorrer dos anos, o real sentido do ensino de artes era conceituado como um “momento de descontração”, sendo resultado da desvalorização do ser e a supervalorização científica.

Assim, o objetivo central deste trabalho encontra-se em reavivar o valor do ensino de artes desde a infância, pois ele auxilia diretamente no desenvolvimento da criança, intervindo por meios práticos e lúdicos na cognição e coordenação motora, pontos estes essenciais para sua desenvoltura diante da sociedade e da escola.

Através de pesquisas sobre artigos desenvolvidos dentro desta temática e em livros, o presente trabalho remete brevemente aos períodos históricos brasileiros significativos para a evolução do ensino de artes, como também a apreciação da prática pedagógica artística e seus benefícios dentro da infância.

A arte no brasil

O desenvolvimento do ensino de artes no Brasil é um reflexo da colonização, inicialmente portuguesa, seguindo para um período no qual outros países fizeram desta terra seu lar. A arte era voltada, especificamente, para a construção das capelas e igrejas e, posteriormente, para a arquitetura em um contexto geral.

Entre os séculos de colonização, antes somente da exploração, e nos dois séculos seguintes de povoamento, o Brasil era uma colônia regida pelos costumes portugueses e religiosos, trazidos com a missão de colonização e letramento dos indígenas. Assim, diante de uma avaliação europeia, o país não possuía qualquer identidade nacional, considerado por seus novos habitantes uma terra pré-histórica. Junto à vinda do reino português para as terras desconhecidas, sua cultura europeia os acompanhou, na qual a religião era um dos principais influenciadores das condutas aqui tomadas.

Ao se depararem com aquele lugar hostil e considerado desprovido de seres racionais, os religiosos iniciaram uma missão de catequização e alfabetização em massa para com os indígenas. Dentro dos seus ensinamentos, o ensino de artes era completamente voltado para a formação de mão de obra indígena, em que o principal objetivo era baratear os custos das construções das igrejas e residências. Carvalho e Vieira (2012, p. 63) afirmam que “as primeiras manifestações artísticas dos portugueses no Brasil foram, principalmente, de caráter religioso católico, como templos, conventos, seminários e escolas de catequese e de artes e ofício”.

Os religiosos responsáveis pela educação, sendo eles jesuítas, beneditinos e franciscanos possuíam uma ampla bagagem de conhecimentos adquiridos no continente europeu. Eles ensinavam aos índios técnicas artísticas banhadas pelo estilo barroco (movimento artístico que nasceu na Itália no início do século XVI, como um reflexo à Contrarreforma), que logo mais utilizariam nas construções e pinturas. Muitos dos resultados dessa catequização eram encontrados nas capelas e igrejas, pois a arte religiosa era utilizada como um meio de adorno e atração dos fiéis através da fascinação com pinturas e esculturas que romantizavam os aspectos religiosos.

No decorrer dos anos, durante a colonização e a estabilização do Brasil Colônia, a arte passou a ganhar características nacionais, ainda que mantivesse as bases europeias, de forma tardia. A esta arte nacionalista era atribuída diversas influências étnicas, tanto dos imigrantes,

quanto dos escravos africanos e indígenas.

Histórico do ensino de artes no país

Em 1808, a corte portuguesa vem para o Brasil, refugiados do conflito napoleônico que afligia o continente europeu. Com sua chegada, o Rei de Portugal instaurou uma grande e contínua reestruturação política e social, a qual possuiu o propósito de modernização do país. Segundo Carvalho e Vieira (2012, p. 120):

Dentre as suas várias iniciativas, destacaram-se a reforma da Biblioteca Real, autorização de importação de livros, abertura de academias literárias e científicas. Também criou o teatro São João, o Museu Nacional, o Jardim Botânico, o Observatório Astronômico, o Banco do Brasil, a Imprensa Régia e a Escola Médica. Concedeu o livre comércio, o funcionamento dos portos às nações amigas, das fábricas e das tipografias e investiu em saúde pública.

Dentro deste contexto, surgiu a Missão Artística Francesa, liderada por Joachin Lebreton, antigo secretário da seção de Belas Artes do Instituto da França que se exilou aqui no Brasil. Ele trouxe consigo vários artistas franceses com estudos neoclassicistas para enriquecer a cultura artística e difundir parâmetros elitistas europeus, rompendo com os estilos predominantes até então: o Barroco e o Rococó.

Sob os olhares da missão artística, em 1816, D. João VI funda a Escola Real das Ciências, Artes e Ofícios, a qual, no período posterior à Proclamação de República, passa a ser chamada de Escola Nacional de Belas Artes. Esta escola formaliza o ensino de artes, tornando-o profissionalizante. Os estudos ali ministrados eram baseados nos ensinamentos e cânones europeus. “Predominava o ensino do exercício do desenho dos modelos vivos, da estamperia e a produção de retratos, sempre obedecendo a um conjunto de regras rigorosamente técnicas [...]” (FREITAS, 2013, p. 1). Contudo, esta era uma escola voltada somente para o público de elite.

O ensino de artes, até então, possuía o foco profissionalizante, no qual os ensinamentos eram voltados para as práticas repetitivas, com a reprodução de modelos, sem qualquer abertura para a inovação e o inédito. A escola procurava direcionar os acadêmicos à preparação para trabalhos manuais, qualificando-os efetivamente.

Essa didática permaneceu inalterada até o final do século XIX e início do século XX. A partir deste período, o ensino da arte passou a ser obrigatório no currículo escolar, sendo esta disciplina um complemento às outras, devido a uma demanda populacional. Segundo Barbosa (2015, p. 149):

Contrários ao uso do desenho na escola como adorno cultural, alguns liberais a partir de 1870, e principalmente na década de 1880, defenderam a ideia de que uma educação popular para o trabalho deveria ser o principal objetivo do desenho na escola pública e iniciaram uma campanha para tornar o desenho obrigatório no ensino primário e secundário.

No entanto, na prática, ainda imperava a reprodução. O ensino de artes ainda mantinha o mesmo segmento, em que a qualificação profissional era o principal objetivo. A arte servia, exclusivamente, para fins industriais e produtivos, no qual o acadêmico desenvolveria técnicas que seriam exigidas em seu meio profissional. Quaisquer outras formas de artes, como música e teatro, não possuíam utilidade alguma, sendo elas exercidas somente em performances feitas pelos estudantes em momentos específicos, quando houvessem espaços para tal atividade. Nos anos seguintes, a Semana de Arte Moderna, em 1922, marcou o fim dessa metodologia

reprodutiva.

A Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922. Seu principal objetivo era romper com os cânones e as técnicas impostas até então e inovar a forma como a arte era produzida, em que a liberdade de expressão guiasse o artista em toda a sua jornada, criando assim uma arte que refletisse o país. Assim, este marco histórico influenciou diretamente o contexto educacional brasileiro, fazendo com que a metodologia e o objetivo do ensino das artes fossem reavaliados. O desenho enquanto cópia não é mais ensinado. As aulas de artes tornam-se um lugar voltado à expressão dos estudantes, no qual o desenho final é o resultado real de sua liberdade.

Alguns anos depois, é iniciado o Movimento de Escolinhas de Arte, sendo este composto por várias escolas de artes espalhadas pelo país, voltadas às crianças e aos adolescentes, para difundir a educação artística. O ocorrido foi um grande apoio a obrigatoriedade do ensino de artes nas escolas, concretizado na década de 1970. Esses acontecimentos repercutiram mais tarde na obrigatoriedade definitiva da área de artes nos currículos escolares de todos os níveis de ensino. Segundo Martins, Picosque e Telles (1998, p. 13):

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB nº. 9.394), aprovada em 20 de dezembro de 1996, estabelece em seu artigo 26, parágrafo 2º.: “O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos”.

Vê-se então uma grande evolução do ensino de artes desde o seu início no Brasil. Todas essas mudanças influenciaram e continuam influenciando a área de artes até os dias atuais.

Proposta pedagógica do ensino de artes

Foram tantas as modificações que o ensino de artes sofreu no Brasil, que, atualmente, o sentido da arte nas escolas foi anuviado. Assim, chegou-se a uma incógnita: qual é o real objetivo do ensino de artes se não um mero período de descontração entre uma aula e outra?

A disciplina de artes possui tanto significado quanto as outras disciplinas que compõem o currículo escolar. A arte valoriza os sentimentos e cria linguagens dentro das quais estes sentimentos podem ser exteriorizados e extravasados. É através das artes que a criança passa a encontrar um sentido a tudo o que vê, traz um significado para o mundo.

O ensino dessa disciplina foi incluso no currículo escolar como um meio de aproximar os estudantes das culturas que se apresentam na sociedade contemporânea, a fim de compreendê-la e interpretá-la. Este é um momento no qual a ciência racional abre espaço para uma filosofia própria e, ao mesmo tempo, compartilhada, através das atividades e da apreciação de obras de arte, poesias, músicas, dramatizações, entre outros diversos estilos de artes. Assim, dentro das artes, há um espaço para a apreciação e a compreensão de tudo o que compõe a realidade do homem, de forma que o estudante consegue aprimorar seu senso crítico, voltando-o não somente para as artes em geral, mas, sim, para o seu dia a dia, preparando-o para as situações diárias dentro e fora da escola.

Um das principais propostas metodológicas que estrutura o ensino de artes é da professora e doutora Ana Mae Barbosa, a Abordagem Triangular:

[...] A Abordagem Triangular propõe um currículo abrangente, ao oferecer aos participantes um envolvimento com as artes, ensinando-lhes a olhar a arte, a utilização de técnicas de estúdio, aprendizagem das linguagens, do fazer, e entender as obras de arte em seus contextos culturais e históricos [...] (BOJUNGA, 2015, p. 12).

Esta proposta segue três eixos como orientação: **leitura de imagem, contextualização e fazer artístico**. Essa metodologia auxilia o educando a interpretar o que lhe é mostrado a partir do seu próprio julgamento, instigando-o a praticar o raciocínio sobre aquilo. Posteriormente, leva-o a pensar sobre o período histórico ao qual a obra pertence, conseqüentemente, criando uma reflexão sobre a cultura a qual está inserida e suas origens. Por fim, a prática é o momento no qual o aluno não fará uma cópia, mas, sim, exteriorizará seus sentimentos e pensamentos que são frutos das duas práticas anteriores.

A resolução do ensino de artes

O ser humano vive em um mundo que é resultado de diversas culturas e etnias. Para compreendê-las e respeitá-las, é necessário que ele tenha conhecimento e discernimento sobre isso, independentemente da sua idade. O momento do ensinar artes - a prática artística, que engloba desde um desenho livre, que para o educando está coberto de significados, até leituras e interpretações de histórias - é responsável por essa interdisciplinaridade entre essas diversas culturas. O indivíduo precisa encontrar sensibilidade para lapidar sua visão estética da sociedade, a qual não diz respeito somente a beleza puramente, mas, sim, a transmissão de sentimentos diante das reações advindas dos momentos que serão vivenciados, dos diversos signos que lhes surgirão.

O ensinar artes educará este senso estético dos educandos. Contudo, isso não acontece somente em aulas de práticas artísticas, na quais há ensino de técnicas exclusivas para desenhistas, por exemplo. Isso é instaurado desde os anos iniciais, sendo eles a partir dos dois anos de idade. A criança, ao interagir com o mundo artístico, inicia ali um aprimoramento contínuo de todas as suas habilidades, de todos os seus sentidos e, por conseqüência afortunada, ele desenvolve o seu eu, sua identidade pessoal.

Dentro das artes, é possível encontrar diversas ramificações, cada qual com seu devido método, em que o objetivo é compartilhado entre as outras metodologias de ensino artístico. Este objetivo inclui orientar o estudante em uma jornada de descoberta e valorização do seu ser e do próximo.

Ao analisar a prática do desenho comum como um exemplo, é possível perceber diversos pontos importantes que estão sendo potencializados naquele momento. A criança, quando mais nova, ao desenhar, desenvolve uma melhor coordenação motora fina, que diz respeito aos movimentos que utilizarão pequenos músculos do corpo. Com isso, o movimento do pintar com um lápis ganhará mais ordenação, mantendo a coloração dentro do traçado. Futuramente, estes movimentos de rabiscos evoluirão para a escrita.

Durante uma aula de dança, ela estará desenvolvendo sua coordenação motora ampla, que condiz com os movimentos dos músculos maiores que auxiliam nos movimentos básicos, ou seja, caminhar, correr, pular, entre outros.

Contudo, coordenação motora não é o único ponto beneficiado com a prática artística. A cognição, a audição, o tato, a visão, todos eles são beneficiados. Como eles, um dos fatores mais importantes é a construção do ser. Ao praticar artes, a criança pode manifestar, através de um desenho julgado simples aos olhos dos adultos, seus sentimentos, suas angústias, suas alegrias, pois aquele também é um momento no qual sua imaginação e criatividade podem aflorar. Essa situação dar-lhe-á a liberdade necessária para expor seu interior, resultando, para a criança, em um contexto generalizado, na compreensão de si própria. Segundo Júnior (1988, p. 65):

Sendo a arte a concretização dos sentimentos em formas expressivas, ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não passíveis de simbolização conceitual.

[...] A arte é, por conseguinte, uma maneira de despertar o indivíduo para que este dê maior atenção ao seu próprio processo de sentir [...].

A valorização do processo de sentir através da arte conduz a criança nessa longa jornada de desbravamento da sua identidade de forma passiva e libertadora, pois ela pode enfim expressar-se livremente e, aos poucos, em seu próprio tempo, moldar-se, acordando com sua maneira pessoal de interpretar o mundo.

Considerações finais

A área de artes dentro da educação visa ao engrandecimento do estudante por meio de métodos facilmente confundidos com passatempos. No entanto, há de ser considerado que cada disciplina possui sua metodologia de abordagem que diverge entre elas. A arte busca, por meio de desenhos, danças, interpretações, musicalidades, momentos lúdicos, direcionar a criança dentro de um espaço cultural diverso e rico em conceitos, para que assim possa vivenciar experiências que acarretem em seu desenvolvimento como ser e o auxilie na compreensão desta ampla e diversificada sociedade.

O momento de expressão da criança possui reflexo das interferências e influências sofridas pelo meio no qual vive. No instante em que inicia um desenho, ela passa a explorar todas as suas memórias sensoriais e, ao transpassá-las para o papel, obtém-se como resultado um desenho carregado de significados, que através de uma melhor interpretação, tanto dos professores quanto dos pais, ilustrará suas percepções e emoções diante do vivido por ele.

Conclui-se assim que, seja uma intervenção artística em alguma prática ou a aula voltada para a disciplina de artes, ambos possuem extrema significância, e isso é percebido por meio de observação dos resultados qualitativos e quantitativos sobre todos os pontos concernentes à formação da criança.

A arte, por fim, cria um caminho que acomoda a razão e a emoção, pois ambas compõem o ser humano e são necessárias para mantê-lo conectado ao mundo.

Referências

BARBOSA, Ana Mae. Ensino da arte e design no Brasil: unidos antes do Modernismo. **Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais**, Rio Grande do Sul, v. 8, n. 1, p. 143- 159, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/19869/pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BOJUNGA, Sylvia. Abordagem triangular e cultura visual. **Boletim Arte na Escola**, São Paulo, jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

CARVALHO, Carla; VIEIRA, Francisco Ponciano. **Arte brasileira**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

FREITAS, Raquel Lima. História do ensino de arte no Brasil. **Web Artigos**, Gaspar, 2013. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/artigos/historia-da-arte-educacao-ou-historia-do-ensino-de-arte-no-brasil/104656/>>. Acesso em: 27 jun. 2017.

JÚNIOR, João Francisco Duarte. **Por que arte-educação**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1988.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; TELLES, Maria Terezinha. **Didática do ensino de arte: a língua do mundo: poetizar, fruir e conhecer arte.** São Paulo: FTD, 1998.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.



ANÁLISE DE CURRÍCULO: questões Enade 2014 e os conteúdos curriculares de licenciatura do curso de Artes Visuais da Uniasselvi

Curriculum analysis: Enade 2014 questions and curricular contents of the degree course of the Visual Arts course of Uniasselvi

Tatiane Jeruza Odorizzi¹

Vania Konell²

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de currículo do curso de Artes Visuais do Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi -, mediante três questões discursivas de componente específico, relativas ao Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes - Enade -, realizada no ano de 2014. Teve como objetivo analisar se os conteúdos abordados ao longo do curso abarcavam os conteúdos avaliados na prova citada. A pesquisa foi desenvolvida mediante um estudo de caso, com base na coleta de dados documental. Após análise das questões Enade e dos planos de ensino das disciplinas pertinentes do currículo, constatou-se que os conteúdos estavam abarcados, sendo necessário que os acadêmicos do curso de Artes Visuais da Uniasselvi se correlacionassem para uma melhor compreensão e eficiência na execução da prova.

Palavras-chave: Prova Enade 2014. Currículo. Artes visuais.

Abstract: This article presents an analysis of curriculum of the Visual Arts course at Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi, through three discursive questions of specific component, concerning Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), taken on the year of 2014. Its goal was to analyze if the contents addressed throughout the course covered the contents evaluated on the test mentioned. The research has been developed through a case study, based on documental data collect. After analyzing the questions and the teaching plans of the subject-matters concerning the contents, it has been verified that the contents were covered, making it necessary for the students of the Visual Arts course at Uniasselvi to correlate them for a better understanding and efficiency when taking the test.

Keywords: Enade test 2014. Curriculum. Visual arts.

Introdução

Neste artigo optou-se por analisar um importante instrumento de avaliação no Ensino Superior, o Exame Nacional de Desempenho de estudantes - Enade. Assim, a pesquisa buscou verificar se os conteúdos curriculares do curso de licenciatura em Artes Visuais da Uniasselvi abarcavam os conteúdos avaliados nas questões da prova Enade 2014. O tema escolhido refere-se a um importante meio para identificar se os conteúdos que estão sendo estudados pelos graduandos em Artes Visuais no EAD da Uniasselvi, em cada disciplina do curso, contemplam os conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares, referentes às habilidades e às competências que serão avaliadas no Enade, ou seja, o objetivo dessa pesquisa foi analisar se os conteúdos abordados ao longo do curso abarcam os conteúdos avaliados na referida prova. Para realizar essa análise, optou-se pela metodologia do estudo de caso, tendo como base a coleta de dados por meio de pesquisa documental do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais na modalidade de Educação a Distância, na Portaria n. 234, de 2 de junho de

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

2014, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e na prova do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes/ Enade 2014.

A avaliação é parte fundamental do processo educativo, porém sua definição e aplicação são complexas e não há uma homogeneidade no que tange à sua identificação e aplicação prática. Nesse sentido, é necessário ter em mente que:

O assunto avaliação é extremamente polêmico e contemporâneo. Palavras como avaliação, autoavaliação, processo, produto, valor, nota, julgamento etc. envolvem pessoas, sonhos, projetos de vida e, ainda, questões éticas. Critérios de avaliação não surgem do nada. São frutos de uma sociedade, de determinada visão de mundo, de uma época ou país, cada um refletindo práticas, teorias e concepções pedagógicas diferentes (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 2009, p.131).

“O termo avaliar tem origem no latim e significa dar valor ao objeto em estudo. Nesse sentido, o ato de avaliar, geralmente, está associado a mensurar o conhecimento dos alunos, no processo de ensino-aprendizagem” (KRAEMER, 2009 apud LOCH, 2010, p.10-19).

Vários são os autores que abordam o processo de avaliação, porém vale destacar que esse estudo não pretende definir ou apontar um tipo de avaliação correto ou mais adequado, pois essa escolha dependerá do contexto, da intencionalidade e dos objetivos envolvidos para tal necessidade. O foco nesse caso é analisarmos um instrumento avaliativo aplicado pelo Ministério da Educação - MEC -, em cursos do Ensino Superior, que é o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - Enade -, e analisar se os conteúdos avaliados nesse instrumento estão abarcados no conteúdo curricular do curso de Artes Visuais da Uniasselvi.

Para finalizar, a partir do aporte teórico e análise de dados, foram escolhidas três questões da prova Enade realizadas no ano de 2014, para verificar se os conteúdos solicitados nessas questões estavam abarcados nos conteúdos curriculares do curso de licenciatura em Artes Visuais da Uniasselvi, além de uma reflexão acerca das questões objetivas, e da complexidade das inter-relações de conteúdos que são realizadas, exigindo dos acadêmicos a capacidade de reflexão e associação desses conhecimentos para um melhor desempenho na realização da avaliação.

Avaliação no ensino superior - Enade

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - Enade - é desenvolvido pelo Ministério da Educação - MEC - e avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação, com relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares. Sua primeira edição foi no ano de 2004, sendo que a avaliação ocorre em uma periodicidade máxima de três anos para cada área de conhecimento.

A origem do ENADE é o Processo de Avaliação Integrada do Desenvolvimento Educacional e da Inovação da Área (PAIDEIA), que prioriza o enfoque de movimento e integração da avaliação. Este foi apresentado pela CEA no documento elaborado para construção do SINAES, como um dos instrumentos que integrariam a nova proposta de avaliação da educação superior. A concepção de avaliação defendida no PAIDEIA salienta a importância de ela ter sempre um objetivo educativo, ou seja, ser uma avaliação de caráter formativo e construtivo. Na concepção dessa proposta, a avaliação tem um importante papel a desempenhar na busca efetiva pela melhoria da qualidade, constituindo-se como um instrumento de reflexão sobre ela (RODRIGUES, 2008, p. 60).

O Enade integra o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - Sinaes - que,

com a Avaliação de Cursos de Graduação e a Avaliação Institucional, compõe um importante tripé avaliativo, que visa analisar a situação dos cursos e instituições de ensino superior com relação à qualidade do ensino oferecido no país.

Dentro dos princípios apresentados sobre o Paideia, o Enade tem como objetivo oferecer informações periódicas a respeito do desenvolvimento de cada área. Considera-se que essas informações poderão fundamentar e, efetivamente, induzir políticas, visando à superação de problemas e à elevação da qualidade do ensino de graduação (RODRIGUES, 2008, p. 60).

O Enade busca desenvolver habilidades e competências que serão necessárias para a aplicação dos conhecimentos adquiridos ao longo do curso, para a posterior vivência profissional dos acadêmicos. Além disso, busca analisar se esses encontram-se atualizados com relação à realidade brasileira e mundial.

Prova Enade de 2014

Teremos como objeto de análise a prova aplicada no ano de 2014, para os cursos de licenciatura em Artes Visuais. De acordo com o Art. 4º:

A prova do Enade 2014, no componente específico da área de Licenciatura em Artes Visuais, terá por objetivo avaliar: I – as competências e habilidades fundamentais para a atuação do professor em Artes Visuais; II – a compreensão das relações entre visualidade, educação e cultura; III – o conhecimento das dimensões teórica, metodológica e curricular do campo da educação em Artes Visuais (INEP, 2014, s.p.).

A referida prova buscou analisar o perfil profissional do licenciado no que se refere à prática docente, que deve apresentar uma postura crítica, reflexiva, ética, estética e inventiva, sendo possível desde que baseada na compreensão do campo de Artes Visuais como um processo inserido em um contexto histórico, social, ligado a expressões culturais pertinentes aos mais variados campos, desde a educação formal até a educação não formal e informal.

Além disso, essa avaliação buscou o reconhecimento e a incorporação da diversidade existente nas questões de gênero, étnico-raciais, linguísticas, pessoas com necessidades especiais, além de questões religiosas, sociais, culturais e históricas. O licenciado, a partir desse amplo conjunto de saberes precisa, além de conhecer e compreender, unir e incorporar a diversidade em sua prática docente, para proporcionar um ensino que respeite as diferenças.

A prova Enade também avalia questões pertinentes ao ensino, pesquisa, produção visual e participação da comunidade, tendo como fundamentos os referenciais teóricos, metodológicos e saberes que se interligam, buscando correlacionar diversos campos do saber humano e estimulando atividades interdisciplinares e transdisciplinares, bem como a experimentação artística (INEP, 2014).

No que se refere à avaliação de competências e habilidades, o licenciado em Artes Visuais deve:

I - compreender as significações das Artes Visuais na Educação e da Educação em Artes Visuais em diferentes contextos históricos; II - estabelecer relações entre teoria, história e crítica em Artes Visuais; III - conhecer e utilizar os fundamentos da linguagem visual, em diferentes suportes e técnicas; IV - conhecer e experimentar poéticas contemporâneas do campo da Arte; V - reconhecer, valorizar e envolver diferentes sujeitos e suas produções visuais e culturais; VI - difundir a importância dos patrimônios culturais - material e imaterial; VII - conceber, propor e executar projetos pedagógicos em artes visuais, em ambientes de educação formal e não formal; VIII - pesquisar as significações das imagens nos campos da arte, da educação e da cultura; IX

- orientar processos de criação de poéticas visuais; X - interpretar as visualidades nos diversos contextos de produção, circulação e recepção; XI - compreender o campo das artes visuais em suas dimensões histórica, social, cultural e ambiental; XII - entender e experimentar técnicas e procedimentos artísticos tradicionais e contemporâneos nos processos pedagógicos; XIII - entender e experimentar tecnologias digitais de imagem, da informação e da comunicação nos processos artísticos e pedagógicos (INEP, 2014, s.p.).

Com relação aos conteúdos curriculares, a prova Enade 2014 buscou analisar:

I - artes visuais e outras expressões da visualidade contemporânea; II - visualidades de origem europeia, americana, africana, asiática e da Oceania; III - relações interculturais afro-brasileiras e indígenas em processos identitários, de articulação dos saberes e das estéticas que caracterizam a diversidade da cultura brasileira; IV - imagens visuais e performances coletivas de matrizes étnico-raciais na sociedade brasileira; V - imagens, objetos e eventos de diversos referenciais culturais, raciais, étnicos, de classes, gêneros, sexualidades, religiões, escolaridades, faixas etárias, e dos sujeitos com necessidades especiais; VI - Relação entre imagens e poder; VII - produção cultural e ideologia; VIII - conceitos de representação e apresentação visual; IX - identidades culturais e contextos visuais; X - cotidiano e visualidade; XI - o estudo de materiais visuais e as visualidades da escola; XII - materiais e técnicas; XIII - educação em artes visuais e seus fundamentos teóricos e históricos; IX - transdisciplinaridade na Educação em Artes Visuais; X - linguagens, meios, processos e produção das visualidades; XI - teorias da cultura, pedagogia crítica e estudos culturais; XII - propostas pedagógicas em Artes Visuais nos espaços de educação formal e não formal; XIII - espaços e práticas de criação, de percepções, de identidades, de subjetividades e de reflexão crítica; XIV - mediação em espaços não formais; XV - processos de significação de imagens; XVI - tecnologias, dispositivos digitais e veículos midiáticos na Educação em Artes Visuais; XVII - patrimônio histórico material e imaterial da sociedade; XVIII - textualidade e intertextualidade nas Artes Visuais; XIX - metodologias, abordagens e avaliações do ensino e aprendizagem das Artes Visuais; XX - pesquisas na educação em Artes Visuais; XXI - legislação e políticas públicas nacionais em Educação nas Artes Visuais; XXII - educação ambiental e Artes Visuais (INEP, 2014, s.p.).

Devido à amplitude de conteúdos avaliados e diante do objetivo de analisar os conteúdos abordados no currículo do curso de licenciatura de Artes Visuais da Uniasselvi, tomamos como objeto de análise as questões discursivas do componente específico apresentadas na prova Enade 2014. Nesse sentido, vamos analisar se os conteúdos avaliados nas referidas questões estão abarcados nos planos de ensino das disciplinas condizentes.

Currículo do curso de Artes Visuais do Centro Universitário Leonardo da Vinci - Uniasselvi

O curso de Licenciatura em Artes Visuais foi criado pela Resolução UNIASSELVI nº 07A/2007, de 25 de julho de 2007 e reconhecido pela Portaria do MEC nº 227, de 22 de maio de 2013. Com relação ao conhecimento, a instituição busca continuamente implementar um currículo por competências, para que o sujeito deixe de ser um receptor de conteúdos e possa ativamente construir seu conhecimento. Por isso,

A UNIASSELVI buscou uma definição que a levasse a promover ações de ensino e de aprendizagem que desenvolvessem as competências necessárias para a empregabilidade dos seus alunos. No processo, era necessário elaborar um conceito

de competência que fosse coerente com o conceito de conhecimento adotado pela instituição, ou seja, o saber, fazer, ser e conviver. Assim, da junção dos conteúdos conceituais com os conteúdos procedimentais, tem-se o **saber fazer**. Da junção dos conteúdos procedimentais com os conteúdos atitudinais, tem-se o **saber e querer agir**. Da junção dos conteúdos atitudinais e conteúdos conceituais tem-se o **saber ser e conviver**. **E da junção dos conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais tem-se a competência** (PPC, 2016, p. 26).

Assim, é necessário que os acadêmicos desenvolvam a capacidade de construir seu conhecimento, relacionando os diversos conteúdos no sentido da ação efetiva, ou seja, aplicando esse conhecimento na prática, no efetivo exercício profissional posteriormente, na busca pelo desenvolvimento de habilidades, “visando uma integração entre o saber, o fazer, o ser e o conviver, o curso deverá desenvolver nos alunos não apenas uma nova mentalidade, mas um conjunto de habilidades procedimentais e atitudinais que contribuem para a formação cidadã” (PPC, 2016, p. 28).

No que se refere ao programa de ensino, a Uniasselvi disponibiliza cursos, com uma organização curricular composta por disciplinas e atividades necessárias para que o acadêmico obtenha o certificado ou diploma. “Os cursos possuem como parâmetro para organização das disciplinas os conteúdos. As competências geram os conteúdos profissionalizantes, e esses definem os conteúdos de conhecimentos prévios que serão necessários e o momento em que serão aplicados” (PPC, 2016, p. 29).

O modelo pedagógico da Uniasselvi é composto por disciplinas Institucionais, de Área e de Curso. A disciplina Institucional é Metodologia Científica e acontece sempre no início do curso. As disciplinas de Área são comuns para cursos da mesma área de conhecimento, conforme segue: Metodologia Científica, Educação Inclusiva, Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS -, Seminário da Prática I, Pensamento Pedagógico e a Construção da Escola, Sociedade Educação e Cultura, Filosofia Geral e da Educação, Psicologia da Educação e da Aprendizagem e Seminário da Prática II. As disciplinas de Curso tem como objetivo desenvolver competências e habilidades relacionadas com os conhecimentos essenciais do curso de graduação, conforme segue: História da Arte: Pré-História à Idade Média, História da Arte: Moderna e Contemporânea, Arte Brasileira, Didática e Metodologia do Ensino de Artes, Seminário da Prática III, Estágio Curricular Obrigatório I, Desenho Artístico e de Aprendizagem, Desenho da Figura Humana, Técnicas de Pintura, Gêneros de Pintura, Seminário da Prática IV, Estágio Curricular Obrigatório II, Técnica e Gêneros de Escultura, Modelagem, Cerâmica, Gravura, Seminário da Prática V, Estágio Curricular Obrigatório III, Cultura Popular Brasileira, Leitura de Imagem, Estética, Seminário da Prática VI, Arte e Novas Tecnologias, Educação Musical, Artes Cênicas, Projeto de Ensino e Seminário da Prática VII (PPC, 2016).

Os conteúdos essenciais para a formação do licenciado em Artes Visuais foram organizados no currículo do curso, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades que possibilitem inter-relacionar os conteúdos estudados o que caracteriza a interdisciplinaridade, na busca por uma formação integral e de qualidade. Essa capacidade de inter-relacionar os conteúdos, com uma visão interdisciplinar serão exigidas na prova Enade, para que o acadêmico tenha um bom desempenho nela.

Análise de três questões discursivas da prova Enade de 2014 e o currículo do curso de Artes Visuais da Uniasselvi

As questões selecionadas para análise de conteúdos curriculares foram as discursivas

referentes ao componente específico, de numeração três, quatro e cinco.

Na questão discursiva de número três foi solicitado que o acadêmico redigisse um texto apontando as características da Arte Contemporânea presentes na obra mencionada na contextualização da questão “Derrubando uma urna da dinastia Han” e que abordasse aspectos como: materialidade e linguagem, além do conceito de arte contemporânea.

Esses conteúdos estão abarcados na disciplina de História da Arte: Moderna à Contemporânea, com base na grade curricular 2016/2 do curso de licenciatura de Artes Visuais da Uniasselvi, e contempla os conteúdos avaliados, conforme consta na Ementa, Anexo A “Reflexão e estudo da teoria sobre a arte, buscando compreender as diferentes leituras sobre arte como produção cultural. As representações e manifestações artísticas da humanidade considerando os ciclos históricos da arte moderna à contemporânea” (PPC, 2016, p. 130-131).

Para o desenvolvimento da resposta da questão citada, é necessário que o acadêmico consiga apreender os conteúdos abordados na disciplina e relacioná-los de maneira crítica e reflexiva.

Na questão discursiva de número quatro, foi solicitado que o acadêmico analisasse duas imagens, uma de Sebastião Salgado (fotografia) e a outra de Diego Rivera (pintura), ambas tratam do tema colheita. Em seguida, deveria redigir um texto dissertativo sobre: “Cotidiano e visualidades no ensino das Artes Visuais”, ou seja, o acadêmico deveria refletir sobre imagens do cotidiano das pessoas e relacionar esse assunto ao ensino das Artes Visuais. Os assuntos abordados nessa questão foram apresentados, com base na grade curricular 2016/2 do curso de licenciatura de Artes Visuais da Uniasselvi, nas seguintes disciplinas: Leitura de Imagem, conforme consta na Ementa, Anexo C “Estudo dos sistemas de signos. Linguagem verbal e não verbal e sua aplicação na leitura e interpretação da imagem artística e literária. Leitura de imagem formal, informal, interpretativa e contextualizada” (PPC, 2016).

Contextualização histórica da didática. Formulação dos objetivos de ensino e seleção dos conteúdos. Planejamento de ensino. Avaliação educacional. Métodos e técnicas do ensino de Artes Visuais. Tendências do Ensino da Arte no Brasil. Pressupostos conceituais e metodológicos para o ensino da Arte. Aspectos metodológicos do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Registro e processos avaliativos (PPC, 2016).

Na disciplina de História da Arte: Moderna à Contemporânea, conforme consta na Ementa, Anexo A, a “reflexão e o estudo da teoria sobre a arte, buscando compreender as diferentes leituras sobre arte como produção cultural. As representações e manifestações artísticas da humanidade considerando os ciclos históricos da arte moderna à contemporânea” (PPC, 2016, p. 130-131).

Os conteúdos solicitados apresentam-se nessas disciplinas separadamente, sendo que o acadêmico necessita correlacionar os conteúdos estudados, refletir sobre eles para dissertar de maneira eficiente.

A questão discursiva de número cinco solicitava que o acadêmico discorresse sobre dois tópicos, baseados na contextualização da questão que se refere ao momento em que a disciplina de Artes passa a fazer parte do currículo escolar a partir de 1971, pela Lei Federal 5.692. Com base nesse contexto, o acadêmico deveria abordar sobre o “Movimento Escolinha de Arte” iniciado em 1948 no Brasil, além da formação dos professores de arte que eram exigidos pela Lei 5.692/71. Os assuntos abordados nessa questão foram apresentados, com base na grade curricular 2016/2 do curso de licenciatura de Artes Visuais da Uniasselvi, na disciplina Didática e Metodologia do Ensino de Artes, conforme consta na Ementa, Anexo B:

Contextualização histórica da didática. Formulação dos objetivos de ensino e seleção dos conteúdos. Planejamento de ensino. Avaliação educacional. Métodos e técnicas

do ensino de Artes Visuais. Tendências do Ensino da Arte no Brasil. Pressupostos conceituais e metodológicos para o ensino da Arte. Aspectos metodológicos do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Registro e processos avaliativos (PPC, 2016, p. 132-133).

Nesta disciplina, constam os conteúdos solicitados, sendo necessário que o acadêmico consiga compreender o contexto histórico do ensino da arte e discorra sobre o item solicitado.

Ao finalizar a análise acerca das questões mencionadas, é possível concluir que os conteúdos curriculares estão abarcados nos planos de ensino das disciplinas identificadas no currículo do curso de Artes Visuais da Uniasselvi.

Considerações finais

O Exame Nacional de Desempenho de Estudantes tem como objetivo avaliar os acadêmicos em fase final do curso de nível superior. No entanto, há uma reflexão acerca da abrangência de conteúdos a serem estudados durante a graduação e as inter-relações que existem entre os conteúdos e conhecimentos abordados.

Ao analisar três questões discursivas relativas aos componentes específicos do curso de Artes Visuais, realizadas no ano de 2014 na prova Enade, foi possível constatar que os conteúdos abordados nessas questões estão abarcados nas disciplinas do curso de Artes Visuais da Uniasselvi, com base na grade curricular do semestre de 2016/2.

Como sugestão, no sentido de contribuir com a melhoria do ensino superior e de uma formação acadêmica efetiva e de qualidade, visto que esse é um dos objetivos do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes ser aplicado, seria a conexão dos conteúdos abordados entre as diversas disciplinas, de maneira que os acadêmicos possam construir, ao longo de sua caminhada acadêmica, um conhecimento interdisciplinar e multidisciplinar. Dessa maneira, realizará de maneira autônoma a sua busca por conhecimento, compreendendo melhor não apenas o universo de conhecimento possível na licenciatura em Artes Visuais, como também terá condições de associar significados e sentidos diversos com outros campos do saber humano. Essa habilidade de correlacionar os conhecimentos é fortemente exigida na resolução da prova Enade, no que refere ao ano de 2014.

Referências

CENTRO UNIVERSITÁRIO LEONARDO DA VINCI. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Artes Visuais (Modalidade EaD)**. Indaial: Uniasselvi, 2016.

INEP. **Portaria Inep nº 234, de 2 de junho de 2014**. Publicada no Diário Oficial da União em 4 de junho de 2014. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/legislacao/2014/diretrizes_cursos_diplomas_bacharel/diretrizes_bacharel_quimica.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

LOCH, Márcia. **Educação a Distância e métodos de avaliação**. Indaial: Uniasselvi, 2010.

MARTINS, Miriam Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha Telles. **Teoria e prática do ensino de arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

RODRIGUES, Viviane Aparecida. **Enade: contribuições, avanços e limites do processo de**

avaliação na formação dos estudantes de graduação. 2008. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

SINAES. **Enade 2014**: artes visuais. 2014. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/provas/2014/02_artes_visuais.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

ANEXO A - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA DE HISTÓRIA DA ARTE: MODERNA À CONTEMPORÂNEA

EMENTA

Reflexão e estudo da teoria sobre a arte, buscando compreender as diferentes leituras sobre arte como produção cultural. As representações e manifestações artísticas da humanidade considerando os ciclos históricos da arte moderna à contemporânea.

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

- Apresentar ao estudante de arte os diferentes movimentos artísticos que culminaram em formas diversas de expressão nesse campo, ao longo do século XX.
- Conhecer sobre movimentos artísticos que englobam um fazer arte com os mais variáveis suportes e trazendo outras linguagens, como no caso da videoarte. Nesse sentido, vai identificar especificidades de cada movimento, bem como conhecer o legado artístico da Pop Art até a videoarte.
- Compreender a arte no século XX; conhecer obras e artistas contemporâneos; refletir sobre diferentes tipos de suportes materiais na arte contemporânea; apreciar as expressões artísticas contemporâneas; refletir sobre as propostas e críticas de cada movimento artístico; elaborar propostas artísticas tendo como suporte interpretativo a arte contemporânea.
- Apresentar as transformações ocorridas no meio artístico das últimas décadas e as relações existentes com o contexto sociocultural, abordando o entendimento da arte contemporânea e suas possibilidades artísticas nas diferentes linguagens.

UNIDADES DE ENSINO

UNIDADE 1 – SÉCULO XX: NOVO MOMENTO NA HISTÓRIA DA ARTE,
EXPRESSIONISMO E MOVIMENTOS ARTÍSTICOS

UNIDADE 2 – HISTÓRIA DA ARTE NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO

UNIDADE 3 – DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

UNIDADE 4 - ARTE CONTEMPORÂNEA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE 1 - O expressionismo; movimentos vanguardistas do século XX.

UNIDADE 2 - Movimento pop art; movimento op art; arte minimalista; videoarte.

UNIDADE 3: Expressionismo abstrato; tachismo; arte conceitual e arte povera; arte contemporânea: body art; fotorrealismo; hip hop e grafite; arte contemporânea: internet art, neoexpressionismo e street art.

UNIDADE 4 - Entendendo a arte contemporânea; linguagens artísticas contemporâneas.

ANEXO B - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA DE DIDÁTICA E METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTES

EMENTA

Contextualização histórica da didática. Formulação dos objetivos de ensino e seleção dos conteúdos. Planejamento de ensino. Avaliação educacional. Métodos e técnicas do ensino de Artes Visuais. Tendências do Ensino da Arte no Brasil. Pressupostos conceituais e metodológicos para o ensino da Arte. Aspectos metodológicos do ensino das Artes Visuais na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Registro e processos avaliativos.

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

- Compreender a Didática como a disciplina que estuda o processo de ensino no seu conjunto.
- Relacionar a evolução histórica da Didática com a evolução histórica da própria educação.
- Conhecer as principais contribuições de Comenius, Rousseau, Pestalozzi, Herbart e Dewey para a constituição da disciplina Didática.
- Identificar as duas grandes fases da Didática no Brasil.
- Sintetizar o quadro das tendências pedagógicas nas suas relações com a Didática.
- Conhecer os fundamentos da didática freiriana.
- Diferenciar objetivos gerais e objetivos específicos.
- Identificar os diversos níveis de abrangência dos objetivos educacionais.
- Perceber a importância da formulação dos objetivos de ensino.
- Instrumentalizar-se para a elaboração de objetivos.
- Compreender os conteúdos de ensino para além da simples listagem das matérias escolares.
- Conhecer os elementos constitutivos dos conteúdos de ensino.
- Aprender critérios significativos para a seleção dos conteúdos de ensino.
- Conceituar o planejamento educacional.
- Identificar os diversos níveis de planejamento na área educacional.
- Perceber a importância do plano de ensino e do plano de aula.
- Instrumentalizar-se para a elaboração de planos de ensino e planos de aula.
- Conhecer elementos do ensino por projetos de aprendizagem.
- Conhecer alguns conceitos de avaliação e avaliação educacional.
- Perceber a evolução histórica da avaliação.
- Compreender a avaliação como um processo que supera a mensuração positivista/tecnicista.
- Identificar os princípios básicos da avaliação.
- Reconhecer os principais equívocos correntes nas práticas avaliativas de nossas escolas.
- Diferenciar os pressupostos das abordagens quantitativa e qualitativa em avaliação da aprendizagem escolar.
- Entender a necessidade da não supressão pura e simples da quantificação na avaliação do rendimento escolar.
- Aprender as principais características dos processos avaliativos.
- Conhecer as principais funções da avaliação.
- Refletir a respeito das principais técnicas e instrumentos de avaliação.
- Conhecer referenciais para a elaboração de instrumentos avaliativos adequados.
- Refletir sobre Arte e Arte/educação.
- Conhecer a trajetória do Ensino da Arte no Brasil.
- Compreender a Legislação Educacional Brasileira para o Ensino da Arte.
- Conhecer a Proposta Triangular do Ensino da Arte e as Categorias do Conhecimento Sensível.
- Refletir sobre planejamento e avaliação em Artes Visuais.

UNIDADES DE ENSINO

UNIDADE 1 – CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E CARACTERIZAÇÃO DA DIDÁTICA

UNIDADE 2 – AVALIAÇÃO

UNIDADE 3 – METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTESVISUAIS

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE 1 - Conceito e evolução histórica da didática; a didática e as tendências pedagógicas; objetivos e conteúdos de ensino; planejamento de ensino.

UNIDADE 2 - Aspectos conceituais e históricos da avaliação; abordagens e características da avaliação escolar; funções e instrumentos de avaliação.

UNIDADE 3 - Métodos e procedimentos de ensino; ensino da arte no Brasil e a legislação brasileira; parâmetros curriculares nacionais de arte para o ensino fundamental; referencial curricular nacional para a educação infantil; proposta triangular do ensino da arte e o conhecimento sensível; onde fica o estereótipo, a prática, o registro e a avaliação em artes visuais?

ANEXO C - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA DE LEITURA DE IMAGEM

EMENTA

Estudo dos sistemas de signos. Linguagem verbal e não verbal e sua aplicação na leitura e interpretação da imagem artística e literária. Leitura de imagem formal, informal, interpretativa e contextualizada.

OBJETIVOS DA DISCIPLINA

- Compreender o sistema de signos bem como os processos de leitura e interpretação de imagens artísticas e literárias.
- Promover a apreciação estética e crítica da produção do homem.
- Possibilitar a aquisição de conhecimentos nas áreas de semiótica.
- Percepção, imagem e todo conteúdo relacionado à leitura visual, ampliando seu referencial teórico.
- Desenvolver a percepção e a imaginação no processo de leitura da imagem.
- Despertar o senso estético e criativo do indivíduo.
- Conhecer e aplicar alguns métodos de leitura da imagem.
- Capacitar o(a) acadêmico(a) na análise e interpretação das imagens artísticas e literárias.

UNIDADES DE ENSINO

UNIDADE 1: ESTUDO DOS SISTEMAS DE SIGNOS

UNIDADE 2: LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL E SUA APLICAÇÃO NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DA IMAGEM ARTÍSTICA E LITERÁRIA

UNIDADE 3: LEITURA DE IMAGEM FORMAL, INFORMAL, INTERPRETATIVA E CONTEXTUALIZADA

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

UNIDADE 1 - Estudo dos sistemas de signos: desmistificando a semiótica, o percurso do signo, a comunicação visual dos signos nas imagens.

UNIDADE 2 - Linguagem verbal e não verbal e sua aplicação na leitura e interpretação da imagem artística e literária: a linguagem como meio de expressão, percepção do objeto simbólico, imagem artística e literária.

UNIDADE 3 - Leitura de imagem formal, informal, interpretativa e Contextualizada: leitura de imagens pela teoria da Gestalt, leitura da imagem publicitária, leitura: quando sentimos a obra.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.

A FUNÇÃO QUESTIONADORA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E SEUS SUBGÊNEROS NO ENSINO DE ARTES

The questioning function of histories in comic books and its subgeniers in arts education

Gisele Henriques¹

Samara Pantoja Pompeu²

Resumo: Entre os inúmeros conteúdos a serem trabalhados na educação artística, o desenho da figura humana se destaca pelas suas infinitas possibilidades. Entre elas, o ensino das técnicas de produção de histórias em quadrinhos, que se apresenta como um campo para a experimentação da fusão da Arte com a consciência de linguagem, e estas com os temas transversais, tão necessários para a geração de senso crítico entre os alunos. Nossa proposta é um estudo metodológico destas possibilidades, alicerçadas pela prática pedagógica, que podem proporcionar um ambiente de criação para os educandos. Analisamos os quadrinhos em desenho da figura humana através das novas tecnologias do ensino de artes, usando-os como ferramentas da prática pedagógica, visando à promoção do livre pensar nas manifestações artísticas.

Palavras-chave: Desenho da figura humana. Arte e novas tecnologias. Prática pedagógica.

Abstract: Within the massive content to be studied in the field of Arts, Anatomy for Figure Drawing stands out for its countless possibilities. Among these, there are the teaching of production techniques for Comic Books, which presents itself as a field to experiment with the fusion of Arts and language awareness, and with transversal themes that are so much needed to generate critical thinking among students. Our proposal is a methodological study of these possibilities, based on pedagogical practice, that may provide an environment of creation for the students. We have analysed Comics in Anatomy for Figure Drawing through the New Technologies in Arts Teaching, using them as Pedagogical Practice tools, aiming for the promotion of free thinking in artistic manifestations.

Keywords: Drawing of the human figure. Art and new technologies. Pedagogical practice.

Introdução

Com a utilização de ferramentas didáticas que englobem, além do conteúdo programático, uma produção cultural próxima da realidade dos alunos, o educador tem chances maiores de gerar a identificação dos educandos com o conteúdo proposto, possibilitando assim bons resultados e a aplicação de metodologias inclusivas no ambiente escolar. Incentivar a leitura e a escrita é um preceito básico no ensino de todas as disciplinas, pois ambos são fundamentos do processo de aquisição de conhecimentos.

Para tal, mais especificamente no ensino de artes, o professor pode procurar atividades que exercitem o saber cultural e o livre pensar, elementos constituintes da criatividade, incentivadora da imaginação, que em conjunto com metodologias e técnicas de produção artística, possibilitam ao aluno a criação não só de objetos de arte, mas também de produtos culturais, que poderão ser utilizados fora do ambiente escolar, de acordo com suas necessidades

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI –. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – FAX (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSSELVI –. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – FAX (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

e interpretações de mundo.

As histórias em quadrinhos, em seus subgêneros, são uma modalidade de Arte que permite variadas aplicações, com diferentes possibilidades estéticas, infinitas utilizações através do apoio textual (em que podem ser discutidos temas transversais). Este gênero é uma geração de produto cultural, passível até de monetização futura, assim, sua compreensão e exercício não são só uma mera aquisição dos fundamentos da Arte enquanto disciplina acadêmica, mas também um processo de capacitação para o trabalho, no qual o aluno, futuramente, poderá utilizar seus fundamentos para a criação de suas próprias histórias e personagens, divulgando suas ideias, sua visão de mundo e sendo identificado por elas.

Acreditamos na prática pedagógica aliada à fundamentação teórica como embasamento para a produção, aliando texto, arte e conceito de produto, visando à construção do conhecimento voltado para a reflexão e a criação de identidade cultural, dentro do ambiente escolar, com as novas ferramentas tecnológicas, nas quais os educandos podem gerenciar facilmente a criação e a divulgação de seus trabalhos.

Desenho da figura humana

O desenho da figura humana é um componente indispensável da produção de imagens em Artes, para tanto, são aplicadas técnicas para sua perfeita execução. Conceitos de perspectiva, luz, sombra e proporção podem ser utilizados para retratar os diferentes tipos de pessoas e situações, em diversos contextos. Imagens de arte com aplicações harmônicas são apreciadas em todo o mundo, com artistas consolidando-se profissionalmente através de seus legados.

Dentro das inúmeras aplicabilidades, destacam-se as histórias em quadrinhos, ainda vistas por alguns como um mero objeto de diversão inconsistente, mas que possui inúmeros predicados auxiliares no processo educacional, pois além do estímulo à leitura e à ampliação do vocabulário, proporcionam a percepção e a apreciação das técnicas de desenho. Em Artes Visuais, os quadrinhos utilizam técnicas de desenho, animação e linguagem não verbal. São comumente utilizados para o ensino de língua portuguesa, devido aos conceitos de história, sequência de ações, onomatopeias e a utilização de exemplos frasais em diálogos, que podem estar repletos de marcadores conversacionais e sentenças gramaticais, facilitando a compreensão de diversos conteúdos programáticos. Estes são apoio no processo de produção artística, o que possibilita a interdisciplinaridade e atividades com os temas transversais, ou seja, a história em quadrinhos explora a linguagem não verbal, complementada pelo uso da linguagem verbal de maneira clara e objetiva (NEVES, 2012, p. 8), proporcionando a associação da imagem com o texto escrito.

Prioritariamente, é necessário compreender as diferenças entre os subgêneros das histórias em quadrinhos.

Teríamos, assim, a caricatura (deformação das características do ser representado), a charge (quando um fato jornalístico é trabalhado), o cartum (semelhante à charge, mas com uma crítica que não “envelhece” como o noticiário diário), a história em quadrinhos propriamente dita (apresentada com mais quadrinhos, formando sequências narrativas), e as tiras, que seriam um subgrupo das histórias em quadrinhos. As tiras são subdivididas em dois subtipos: tiras-piada, com temática humorística com estratégias utilizadas nas piadas, e tiras-episódio, quando o humor explora determinada situação. [...] define os quadrinhos “como um gênero icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro”. E acrescenta: “Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal” (SILVA, 2007 apud PINTO, 2008, p. 12).

Ao perceber as diferenças entre os subgêneros, é possível construir as atividades. Mesmo sendo diferentes em seus contextos, todos possuem pontos em comum, que os caracterizam dentro de seu gênero. Bitencourt (2011, p. 133) revela os recursos básicos para a construção artística das histórias:

Balões: são os locais de forma geralmente arredondada, nos quais está escrito a fala do personagem; Expressões do rosto: alguns detalhes do rosto ao acentuados para denotar sentimentos, como sobrancelhas levantadas que quer insinuar assombro e a boca levemente acentuada para baixo denota tristeza. Onomatopeias: são palavras que expressam sons como “cof-cof” (tosse), “tóim-tóim” (pulos) ou “dim-dom” (campainha). A intensidade do som é caracterizada pelo tamanho das letras e geralmente aparecem fora dos balões. Há ainda as linhas de movimento, que são traços que indicam deslocamento.

Portanto, o educador pode alicerçar-se nas técnicas e conceitos elencados em Artes para a construção de planos de aula que englobem o desenho e a produção cultural, sendo que esta poderá incluir como contexto a produção de conteúdos que despertem o senso crítico dos alunos, que não precisa ser feito através do apoio da produção textual necessariamente, e sim trabalhar a compreensão de que a linguagem visual pode ser um importante meio de expressão, quando as imagens “falam por si”, constatação que se tem a partir da interpretação e da reflexão proporcionada pela leitura de imagem.

Arte e novas tecnologias

As artes, assim como a sociedade atual, vêm passando por transformações, impulsionadas pelas descobertas tecnológicas, que, da mesma forma que influenciam a transmissão do saber, auxiliam o processo criativo e de produção. A maneira de compreender, criar e transmitir os conceitos de Arte mudou completamente a partir da evolução da tecnologia.

Logo, a tecnologia é vista por este ângulo como um compêndio de capacidades técnicas, geradoras de resultados práticos. É possível deduzir, que sua aplicação, aliada ao conhecimento teórico, resulta em uma maior compreensão do objeto de estudo. Então, utilizar-se da tecnologia com finalidades educacionais seria o confronto da teoria com a prática, o conhecimento científico aliado ao empirismo, à experimentação (HENRIQUES, 2012, p. 6).

Neste contexto, as ferramentas tecnológicas alicerçadas com a prática podem funcionar como auxiliares na produção e divulgação de conteúdo, transformando o educando em um agente transmissor de informações sobre seu próprio contexto social. De posse dos fundamentos básicos, cabe ao educador definir as formas metodológicas de aplicação em sala de aula.

[...] a Proposta Triangular é constituída por três eixos: leitura de imagem, reflexão ou contextualização e produção ou fazer artístico. Esse triângulo é considerado referência dos eixos de aprendizagem que dominam o ensino atualmente. O triângulo ajuda na prática pedagógica de Arte nas escolas brasileiras (MARTINS; SILVEIRA, 2011, p. 165).

Portanto, com os três eixos da Proposta Triangular como norteio, o educador deve criar sequências didáticas em seus Planos de Aula que contemplem as competências apregoadas, tão necessárias para a apreensão do conhecimento. Os quadrinhos possibilitam, por sua estrutura, a leitura das imagens contextualizadas com o texto que as acompanham. O conjunto das

informações gera a reflexão necessária para a produção, ou seja, a observação, a experimentação teórica e prática e a posterior socialização em sala de aula dos conteúdos estudados e exercitados constituem-se em uma dinâmica deveras interessante, uma conexão entre o mundo, a cultura e o convívio social do aluno com a atividade prática. Ao serem utilizados os conteúdos com o direcionamento pretendido, há o exercício de diversos saberes interdisciplinares: o uso da linguagem visual, textual e informática, no caso de serem utilizadas ferramentas computacionais no processo de produção.

A prática pedagógica

Em sua função formadora, o ambiente escolar deve proporcionar ao aluno a reflexão e o questionamento sobre diferentes contextos sociais, possibilitando assim o pensar voltado para a compreensão e a melhoria da sociedade. Os temas transversais, quando apropriados de forma construtiva, podem ser utilizados para a criação de histórias em quadrinhos, de acordo com os PCN:

Os quadrinhos devem estar e estão inseridos nos conteúdos de temas transversais que tratam de questões sociais (saúde, orientação sexual, cultura, meio ambiente e ética). Organizadas em diversas linguagens, as histórias em quadrinhos viabilizam diferentes conceitos e produzem informações vinculadas aos temas sociais (BRASIL, 1997, s.p.).

Utilizar as histórias em quadrinhos para a narração e a ambientação de seu meio, também é considerada uma prática jornalística, que pode ter como base a informação e o humor como forma de questionamento. Parnaíba e Gobbi (2014) destacam a charge como gênero jornalístico, considerando como uma forma de expressar opiniões, porém os mesmos aspectos são observados em todos os seus subgêneros (tiras, charges, caricaturas):

Embora seja possível afirmar que a linha que separa os gêneros jornalísticos seja muito tênue, já que na informação há subjetividades e que as opiniões são fundamentadas em informações, defendemos que a charge, bem como o editorial, o artigo e a coluna têm como principal função expressar opiniões acerca dos fatos, e não apresentar novos acontecimentos aos leitores. Por isso, consideramos a charge uma ferramenta opinativa (PARNAÍBA; GOBBI, 2014, s.p.).

Com um campo tão vasto de proposições contextuais, é possível trabalhar diferentes temas com os quadrinhos, instigando o aluno a perpetuar suas próprias vivências e histórias, construir personagens mais próximos de sua realidade, cenários semelhantes aos do meio onde vive, com valores éticos e sociais voltados para uma vivência responsável e justa, componentes não somente interdisciplinares, mas também transdisciplinares:

A complementação proposta através das atividades práticas educativas propicia também a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como possibilidades de fundamentação teórica, visto que o aluno não somente realizará a relação entre o aprendizado teórico-prático, mas também uma reflexão sobre diferentes aspectos, como os éticos e de responsabilidade social, em um contexto mais amplo, que pode objetivar não somente aprendizados formais sobre as técnicas e procedimentos práticos, mas reflexões alicerçadas em um desenvolvimento existencial, com base no conhecimento (HENRIQUES, 2013, p. 6).

Unindo conteúdos teóricos e atividades práticas com embasamento em aspectos

éticos desenvolvidos através dos temas transversais e consciência transdisciplinar, é possível desenvolver as competências e habilidades artísticas com conteúdos questionadores, humorísticos, de opinião, culturais e autênticos, não apenas meras repetições de estereótipos e conteúdos muitas vezes oriundos de outras realidades que não geram identificação com a clientela atingida.

Considerações finais

Através dos conhecimentos da disciplina de Desenho da figura humana para o ensino dos conceitos e aplicabilidade das histórias em quadrinhos em sala de aula, o professor possibilita aos alunos infinitas possibilidades de difusão de informação, criação de personagens e enredos com identidade cultural regional própria, ampliação do senso crítico e propagação de conteúdos que utilizam os fundamentos da Arte de uma forma técnica.

No entanto, a compreensão esperada é a da tecnologia como um conjunto de capacidades técnicas voltadas para a prática, facilitadoras do pensar crítico, com o qual o educando exerce sua cidadania tendo voz livre e expondo questionamentos sociais, com contextos construtivos para a sociedade. A discussão dos temas transversais deve se dar de modo positivo, transdisciplinar.

Como elementos negativos, prioritariamente, o fato de que o aluno pode ser levado a acreditar que as ferramentas tecnológicas são meras repetidoras de conteúdos gráficos coletados da Internet e redes sociais, mantendo, assim, sua produção artística. O mesmo erro pode dar-se na criação de conteúdos textuais como apoio, ou a preferência em trabalhar o texto ao invés de exercitar as técnicas de Arte: uma visão limitada faz com que os conceitos de diálogo e roteiro se misturem, e não haja a compreensão exata do bom uso da imagem como linguagem.

Para evitar tal problemática, a prática educativa com recursos pedagógicos facilitadores e o bom uso do plano de aula alicerçado no conteúdo programático, apresentam-se como os princípios basilares para a exposição e boa aplicação da teoria com a prática. O diálogo entre essas vivências resulta na construção de atividades inovadoras, que acolhem o educando ao possibilitar um ambiente de exposição de ideias e ideais, através de sua visão de mundo.

Referências

BITENCOURT, Amauri Carboni. **Desenho da figura humana**. 2. ed. Indaial: Uniasselvi, 2011.

BRASIL, Ministério da Educação Fundamental. **PCN – Língua Portuguesa**. Brasília: MEC, 1997.

HENRIQUES, Gisele. **A prática educativa na educação tecnológica: um estudo de caso na Escola Tecnológica de Cametá/PA**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

HENRIQUES, Gisele. **Os jogos eletrônicos educacionais como ferramenta no desenvolvimento de competências**. Indaial: Uniasselvi, 2012.

MARTINS, Josenei; SILVEIRA, Tatiana dos Santos. **Didática e metodologia do ensino de artes**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria

Auxiliadora. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

NEVES, Silvia da Conceição. **A história em quadrinhos como recurso didático em sala de aula**. Trabalho de Conclusão de Curso, Licenciatura em Artes Visuais, Universidade Aberta do Brasil, Palmas, Tocantins, 2012.

PARNAÍBA, Cristiane dos Santos; GOBBI, Maria Cristina. **Charge jornalística: Definição, Histórico e Funções**. Lima: Pontifícia Universidade Católica do Peru, 2014.

PINTO, José Augusto da Silva. **O gênero histórias em quadrinhos como proposta de auxílio à educação no Projeto Magistério da Terra - polo Tucuruí/PA**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, Cametá, Pará, 2008.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.

CINEMA: a estética do holocausto e nazismo

Cinema: the aesthetics of the holocaust and nazism

Taís Verdade¹

Ana Lúcia Oliveira Fernandez Gil²

Resumo: Como de alguma forma é possível que o Holocausto, um homicídio em massa, possa ser associado à estética, que no conhecimento popular é o significado do belo? De uma maneira que parece contraditória, as marcas do horror vivido na Segunda Guerra Mundial foram registradas como insígnia de uma vitória que transmite e provoca, aos olhos de quem observa estes arquivos de dor e horror, uma compaixão e sentimentos extremos relatados pela sombra das imagens de quem viveu aqueles infundáveis dias. Sem pretensão de ser um estudo conclusivo, o tema do presente artigo é meramente um relato comparativo do conteúdo estudado, pesquisado e assistido propriamente para a problematização deste nó que envolve Arte, dor física e moral na Estética diante das lentes do cinema.

Palavras-chave: Holocausto. Cinema. Estética. Filosofia da Arte.

Abstract: How is it possible that the holocaust, a mass homicide, may be associated with Aesthetics, which in popular knowledge is the meaning of beauty? In a way that seems contradictory, the marks of the horror lived in World War II were recorded as a badge of a victory that conveys and provokes, to the eyes of who watches these files of pain and horror, a compassion and extreme feelings reported by the shadow of images of the ones who lived those endless days. Without pretension to be a conclusive study, the theme of this article is merely a comparative report of the content which was studied, researched and watched exactly to the problematization of this node that involves Art and physical and moral pain on Aesthetics in front of Cinema lens.

Keywords: Holocaust. Cinema. Aesthetics. Philosophy of art.

Introdução

Segundo Heidegger (1992, p. 44), “a beleza é um modo de ser da verdade”, significando que a beleza e a verdade estão diretamente ligadas e “o belo faz parte do acontecer da verdade”. Essas citações tornam-se cada vez mais polêmicas, haja vista que o tema da morte é um tema presente nas obras de arte em diversas manifestações artísticas. Assim, imortalizando subjetivamente a reflexão da morte e a destruição da estética, confirmando desse modo que na obra de arte “o apelo da verdade” gera um consenso entre seus estudiosos.

Para Bazin (1991, apud DELEUZE, 2007, p. 9), a necessidade de critérios estéticos era uma forma variável dos acontecimentos, o “real não era mais representado ou reproduzido, mas *visado*” e então, no cinema, ao invés de representar uma realidade compreensível e decifrada, o neorrealismo visava uma representação com sentido ambíguo.

A estética está embutida em nossos dias, avaliamos o tempo todo o conceito de bonito e feio. Nossa concepção foi transferida genealogicamente, com um ideal estipulado por uma sociedade. Todavia, o que é bonito e feio? Na Arte, a Estética trata de Filosofia, Arte e Ciência. Pretende-se tratar aqui o conceito de Estética e Crítica por um viés filosófico e as sensações

¹ Acadêmica do Curso de Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

que suas representações artísticas, particularmente, transmitem no cinema. A sétima arte exige a necessidade do sublime, que não é representado somente pelas belezas divinas inatingíveis, mas como na Arte, o sublime está na natureza ou nas ações humanas. Quem nunca viu um vídeo de uma tempestade no mar ou mesmo de um vulcão em erupção e não ficou extasiado com tal horror e beleza? Assim como o olhar de uma cobra que hipnotiza, podemos chamar de sublime. Conforme afirma Bazin (1991, p. 276), seriam questões fundamentais para a análise e para a crítica de cinema:

[...] teria sido talvez o primeiro crítico a perceber e a analisar a mudança fundamental que ocorreu no cinema nos anos 40 e no pós-guerra, a separação entre um primeiro cinema — “realista” — e um cinema moderno — “neorrealista”. O que fazia esse novo cinema diferente e o que nele possibilitava essa nova relação com o espectador, ou, ao contrário, o que aconteceu ao cinema e ao mundo para que se buscasse uma nova relação filme espectador.

Nas ações humanas ocorre algo próximo. A representação do sublime pode ser simbolizada pela antiga concepção do belo com imagens do chamado “paraíso”, ou mesmo no terror humano. Bazin (1991, p. 187) diz que “o mistério nos dá medo”, mas que imagens fortes encantam. As representações das atrocidades do ser humano também atraem e podem, de certa forma, até “encantar”.

Identificar e reconhecer a estética em filmes com temas do holocausto desenvolvem uma série de questionamentos sobre a chamada sétima arte. Os cineastas tornavam possíveis, mas ainda não haviam estabelecido as novas imagens. No neorrealismo, é descoberto o que se pode chamar da “função” que as crianças tinham nas telas, despertando as situações sensorio-motoras. Nesse sentido, a evolução do cinema ganha força.

Figura 1. Cena do filme *A lista de Schindler*



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2LC8QAv>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Antissemitismo

Holocausto é uma palavra de origem grega que significa "sacrifício pelo fogo". As autoridades alemãs perseguiram outros grupos além dos judeus, por sua dita "inferioridade

racial": ciganos, deficientes físicos e mentais, e alguns povos eslavos (poloneses e russos). Outros grupos também perseguidos foram: políticos, ideológicos e comportamentais (entre eles os comunistas, os socialistas, as Testemunhas de Jeová e os homossexuais). O grande objetivo de Hitler era criar um novo império alemão, pois acreditava que os alemães eram uma raça superior provenientes do Deus Thor, da mitologia nórdica.

A propaganda na Segunda Guerra Mundial estava direcionada para as campanhas que incitavam o racismo contra judeus. As propagandas criticavam os inimigos, demonstravam o comportamento que os alemães deveriam seguir na guerra, como economizar e evitar luxos, preparando o povo para a guerra e, dessa forma, o governo nazista estabeleceu ordem e recebeu aceitação da população alemã, gerando lealdade ao nazismo, disseminando o seu ideal de Nacional Socialismo, que estimulava o racismo, o antissemitismo e o comunismo.

Voltando um pouco no tempo, em 1933, de acordo com o Museu do Holocausto, Hitler foi nomeado chanceler pelo presidente *Hindenburg*. Este era chefe do *Partido Nacional Socialista*. A Alemanha foi denominada Terceiro Reich e começaram as perseguições. O partido nazista foi declarado o único partido da Alemanha e seu objetivo era a discriminação e o racismo. Quando *Hindenburg* morreu, Hitler passou a ser chanceler e chefe do exército e das forças armadas. Nesse momento, os judeus são declarados inimigos da Alemanha e foram banidos de empregos públicos, escolas, universidades e tinham que usar estrela amarela para diferenciá-los da população. Desse momento em diante, os alemães queriam eliminar os judeus, pois eram desnecessários. Depois que os judeus foram expulsos, a população alemã tomou conta das casas e negócios deles.

A propaganda trata de impor uma doutrina a todo o povo; a organização aceita no seu quadro unicamente aqueles que não ameaçam se transformar em obstáculo a uma maior divulgação da ideia. A propaganda estimula a coletividade no sentido de uma ideia, preparando-a para a vitória dela; a organização tem de ganhar a vitória mediante concentração dos adeptos corajosos, capazes de combater pelo triunfo comum. A vitória de uma ideia será mais fácil quanto mais intensa for a propaganda e quanto mais exclusiva, rígida e sólida for a organização que, praticamente, toma a si a realização do combate (HITLER, 1926, p. 307).

Figura 2. "Ele é o culpado pela guerra" (1932)



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2uOvCOI>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

Figura 3. "Dem Führer - Die Jugend" Propaganda post karte – Deutschland



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2Lwb4F6>>. Acesso em: 11 nov. 2017.

De acordo com o Museu do Holocausto, as propagandas insistiam em demonstrar o final trágico que seria caso os soviéticos ganhassem a guerra e o perigo iminente que os judeus causavam aos alemães de “raça pura”. O cinema, nesse período, teve um papel fundamental na disseminação das ideias de Hitler, o antissemitismo racial, a supremacia da raça pura alemã (ariana) e a também superioridade do poder militar alemão como era apresentado pela ideologia nazista.

Os filmes representavam os judeus como uma raça sub-humana, que estavam contaminando a raça ariana, como vermes. Depois que a Segunda Guerra foi deflagrada, as propagandas começaram a demonstrar os judeus não apenas como “coisas” desumanas, mas também como inimigos perigosos para o Reich¹ alemão, para assim ter apoio silencioso e subentendido da população no extermínio dos judeus. Por outro lado, enquanto a população alemã estava sendo “enriquecida” de orgulho nacional nazista, os judeus estavam em campos de extermínio. Os soldados da SS obrigavam ainda os judeus a demonstrar uma vida normal e uma fachada de comunidade “em férias”. Antes de entrar para as câmeras de gás, a SS obrigava os judeus a escreverem um cartão postal para parentes e amigos, falando o quanto estavam sendo bem tratados nos campos e possuíam uma vida tranquila, incentivando dessa maneira deportá-los não só da Alemanha, mas dos países por ela ocupado.

Em meados de 1944, a população estava curiosa para saber o que estava acontecendo com os judeus deportados. Foi então que a Cruz Vermelha fez uma inspeção no Campo de Theresienstadt, localizado no Protetorado de Boêmia e Morávia, hoje República Tcheca; na preparação para a visita, o campo recebeu um “embelezamento” e assim produziram um filme usando os moradores do gueto para demonstrar o quanto eram bem acolhidos, e que Theresienstadt recebia muito bem os judeus².

¹ Reich foi um termo cunhado pela propaganda do regime nazista da Alemanha, e que tinha como objetivo demonstrar a grandeza do projeto de Hitler para transformar seu país em uma incontestável potência mundial.

² Logo após a gravação, todo o elenco foi deportado para campo de extermínio *Auschwitz-Birkenau*.

Os nazistas aplicaram as propagandas com êxito para envolver a população alemã no apoio à guerra e também para incentivar aqueles que executavam os extermínios em massa dos judeus, ciganos e tantas outras vítimas do regime de Hitler, transformando o povo em expectadores, testemunhas e cúmplices de um crime de tamanha proporção.

Figura 4. Cartaz para exposição antimaçônica



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2mvMnu8>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

Figura 5. Cartaz para exposição antimaçônica



Fonte: Disponível em: <<https://bit.ly/2LxGreR>>. Acesso em: 11 nov. 2016.

Outro acontecimento relevante a ser citado foi a “Noite dos Cristais” (*Kristallnacht*, em 9 de novembro de 1938) marcada pois os nazistas quebraram todas os vidros das residências e vitrines dos judeus e de símbolos judaicos. Os reflexos da luz da lua nos vidros quebrados no chão refletiam como cristais, por isso o nome. Contudo, a perseguição já havia começado tempos atrás, mas foi essa noite que marcou o início do Holocausto. Na noite dos Cristais, cerca de sete mil e quinhentas oficinas foram destruídas e centenas de residências danificadas. Mil judeus foram assassinados. Vinte e seis mil foram mandados para campos de concentração.

Figura 6. Imagens *Kristallnacht*



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/86/86838.jpg>>. Acesso em: 11 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/50/50378.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/04/04467.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/74/74445.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/85/85287.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/97/97572.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.

Figura 7. As crianças e os “indesejáveis”



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/85/85124.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://cdn.playbuzz.com/cdn/116a06a9-b01e-41e4-b5f6-cdad766ef82/5eba6ad0-94d0-4e6b-ad00-f4baa2a76509.jpg>>. Acesso em: 30 jul. 2018.



Fonte: Disponível em: <https://www.dw.com/image/16444955_403.jpg>. Acesso em: 7 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <https://www.dw.com/image/18002214_403.jpg> Acesso em 07/11/2016>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Figura 8. Experimentos com humanos nos campos de concentração



Fonte: Disponível em: <http://auschwitz.org/gfx/auschwitz/_thumbs/en/defaultgalerie/713/11/1/20080516_1382570511_big_1111,oHuCn6impHCVqcKHZpY.jpg>. Acesso em: 7 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <https://78.media.tumblr.com/2def62a7b2915e3b5f722db23cec3cdf/tumblr_inline_pa0hb5ePrW1qdcbec_400.jpg>. Acesso em: 7 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <https://ichef.bbci.co.uk/news/624/media/images/80564000/jpg/_80564251_51400549.jpg>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <http://2.bp.blogspot.com/-EXzEHqbV24A/U2YTfU7ilgI/AAAAAAAAABhE/m--QhDuax-o/s1600/485px-Slave_laborers_at_Buchenwald.jpg>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Também, segundo o Museu do Holocausto⁵, os alemães definiam os judeus pela religião de seus avôs e avós. Em 1935, quando foi proclamada a Lei de *Nuremberg*, na qual o povo alemão era proibido de casar ou manter relações com arianos, e quem desrespeitasse a lei era preso e levado para o campo de concentração de *Dachau*, que foi o primeiro campo criado em 1933⁶. Estas informações e curiosidades podem ser observadas na íntegra em “exemplos de legislação antissemita, 1933-1939” no site do US Holocaust Memorial Museum.

Conforme US Holocaust Memorial Museum, o campo de concentração de *Buchewald* foi aberto em julho de 1937. Segundo a fonte, o que os nazistas queriam era que os judeus saíssem das terras da Alemanha. No entanto, após a *Noite dos Cristais*, o caminho para o Holocausto estava livre, não havia mais limites. Todas as crianças foram expulsas das escolas. “Afim de contas, de qualquer maneira, temos que queimar esta praga bubônica”, Friedrich Uebelhor (chefe nazista na cidade de Lodz). O objetivo maior era a expropriação, era a aniquilação desse povo, conforme documentário *A Propaganda na Segunda Guerra Mundial Canal Philos*, de 2016.

Figura 9. Holocausto



Fonte: Disponível em: <<https://seuhistory.com/noticias/operacoes-de-fuga-e-caca-aos-nazistas-da-segunda-guerra>>. Acesso em: 13 ago. 2018.



⁵ United States Holocaust Memorial Museum, Copyright © Washington, DC. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/learn>>. Acesso em: 7 jul. 2016.

⁶ Curiosidade: pouco antes desse acontecimento, os alemães lançaram um jogo semelhante ao banco imobiliário, em que o objetivo era retirar o máximo dos judeus das terras da Alemanha. Dessa maneira, já cultuavam a ideia nazista desde pequenos, visto que os jogos eram destinados à faixa etária de oito a oitenta anos.



Fonte: Disponível em: <https://1.bp.blogspot.com/-nsmWYcL-92M/WEQtx2FKdJI/AAAAAAAAPEM/L7PEjg6iS_AcwjRH7o-jMxCi8WupS0D3gCLcB/s1600/Holocausto%2Bna%2BSegunda%2BGuerra%2BMundial.png>. Acesso em: 07 nov. 2016.

Segundo a documentação do acervo do Museu do Holocausto, após a invasão da Rússia em 1941, as Einsatzgruppen (Unidades Móveis de Extermínio), seguindo o exército nazista ficavam atrás das linhas de fogo para realizar operações de assassinato em massa. Nos países com influência alemã também ocorriam a extinção dos judeus, os mortos eram jogados nas ruas, para que um grupo especializado recolhesse. No gueto de Varsóvia, cidade de Lodz e em outras cidades e guetos, em um espaço, no qual cabiam, no máximo, 30 mil pessoas, foram levadas 160 mil. Os judeus que estavam confinados nos guetos recebiam duzentas calorias por dia de alimento e precisavam trabalhar para receber. Nos guetos era proibido engravidar. As primeiras pessoas levadas dos guetos foram os idosos, doentes e crianças de até doze anos; e para os que ficavam, os nazistas davam esperanças de sobrevivência.

Nos guetos de Varsóvia, foram filmadas propagandas que mostram como judeus comem, se vestem e são bem tratados. Existem também álbuns de fotografias criados pela SS, para demonstrar o quanto era fantástico viver nos campos de concentração, escondendo o genocídio que realmente acontecia.

Figura 10. Fotografias criadas pela SS



Fonte: Disponível em: <https://secure.i.telegraph.co.uk/multimedia/archive/03559/aushwitz_3559929b.jpg>. Acesso em: 16 ago. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/77/77205.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<http://www.fpp.co.uk/pictures/train.JPG>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/90/90326.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://i.pinimg.com/originals/73/bd/21/73bd213c05a8d63105cae951fc557c61.jpg>>. Acesso em: 16 ago. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/78/78893.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.

Cinema e estética

Hitler possuía visão do que desejava alcançar com seus filmes, mas foi com a cineasta Leni Riefenstahl, que se tornou tão poderoso, utilizando os filmes e propagandas como uma arma de guerra, um verdadeiro instrumento nazista. Sua obra mais polêmica foi o documentário *Triunfo da Vontade*, o mais influente filme de propaganda nazista já realizado. Com esse filme, a cineasta aperfeiçoou as técnicas, no comando de sessenta câmeras e quatrocentos quilômetros de película, desenvolveu técnicas de fotografia, câmera lenta, subaquáticas e tomadas aéreas, além de outros efeitos. A partir de então, muitos filmes conhecidos nossos, utilizam a mesma técnica de Leni Riefenstahl, de desenhos infantis a ficção. Nos Jogos Olímpicos de Berlim, de 1938, utilizou o que o nazismo idealizava como corpos perfeitos, movimento e vigor físico, filmando os atletas, trazendo uma referência aos Deuses do Olímpio.

Uma cena marcante registrada pela cineasta foi quando Jesse Owens, atleta negro, venceu o campeão alemão no salto em distância. Joseph Goebbels, ministro da propaganda, não queria negros no filme, porém, Leni o convenceu do contrário e na narração o comentarista diz: “Dois corredores negros contra o mais forte da raça branca”.

Figura 11. Jogos Olímpicos



Fonte: Disponível em: <<http://www.atlasgallery.com/wp-content/uploads/2016/10/Dive-from-10-meters-tower-768x1024.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<http://www.atlasgallery.com/wp-content/uploads/2016/10/The-Discus-Thrower-789x1024.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<http://www.atlasgallery.com/wp-content/uploads/2016/10/Gold-medal-winner-817x1024.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<http://www.artnet.com/WebServices/images/110006011depVJFgDVECFDrCWQFHPKcNEXF/leni-riefenstahl-high-jumper.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/iiif-b/assets/thumbs/789084>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/iiif-b/assets/thumbs/764938>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<http://iv1.lisimg.com/image/9095866/620full-olympia-part-two%3A-festival-of-beauty-screenshot.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <https://collections.ushmm.org/search/?f%5B_key_event%5D%5B%5D=nazi_olympics>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Não se sabe até hoje qual era o grau de ignorância da cineasta referente ao que realmente ocorria nos campos de extermínio e concentração. No pós-guerra, Leni Riefenstahl passou quatro anos presa em um campo de concentração francês como colaboradora do regime. Leni sempre se dizia inocente, mas seu biógrafo, Rainer Rother, autor do livro *Leni Riefenstahl: The Seduction of Genius* (2002), afirmava em entrevista que seu vínculo com o nazismo era inegável: “ela nunca negou seu fascínio por Hitler e falou o quanto o admirava, quase até o final da guerra. Por isso, em sua visão, não havia problemas em trabalhar para ele, apesar de saber o que se passava na Alemanha e que estava trabalhando para uma ditadura”.

O que se sabe e pode-se dizer a respeito da cineasta Leni Riefenstahl é que seu legado estético é gigantesco e reflete em filmes contemporâneos, como: ângulos de câmera, enquadramentos, movimentos de massas e nus, foram as grandes descobertas de registro. Conforme documentário apresentado pela Philos TV: *A Propaganda na Segunda Guerra* (2010), “sua genialidade também foi sua ruína”. Era chamada de “gênio maldito”, nunca mais reergueu-se como cineasta. Morreu em setembro de 2003, como a última figura famosa do nazismo.

Figura 12. Triumph des Willens



Fonte: Disponível em: <<https://collections.ushmm.org/iiif-b/assets/756326>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.imdb.com/title/tt0025913/mediaviewer/rm2493992960>>. Acesso em: 7 nov. 2016.

Alguns filmes com referências ao Holocausto e à Segunda Guerra Mundial:

Título do Filme	Título do Filme
Toy Story 3 (2010)	Um ato de Liberdade (2009)
Star Wars (1980 e 2015)	O pianista (2003)
Remember (2015)	O diário de Anne Frank (1959)
O menino do pijama listrado (2008)	Harry Potter – Toda série (2001 a 2011)
A Lista de Schindler (1993)	Jogos Vorazes (2012)
O Labirinto do Fauno (2006)	O Jogo da Imitação (2014)
O Lar das Crianças Peculiares (2016)	A História de Irena Sendler (1940)
Bastardos Inglórios (2009)	Capitão América (2011)
A vida é bela (1999)	Cavalo de Guerra (2012)

Fonte: A autora.

Estética

Identificar e reconhecer a estética em filmes com temas do holocausto desenvolve uma série de questionamentos sobre a chamada sétima arte. Os cineastas tornavam possíveis, mas ainda não haviam estabelecido as novas imagens. O escritor, roteirista, Artaud (1995, p. 1361-1369) em artigo publicado faz uma constatação: “o que o cinema privilegia não é a força do pensamento, é seu *“imponder”* e o pensamento nunca teve outro problema, e essa é a glória sombria do cinema, o roubo dos pensamentos”, ou então, como diz Georges Duhamel (1930, p. 52): “não posso mais pensar o que quero, as imagens móveis substituem meu próprio pensamento”. O que a propósito foi essa a arte das massas, que Hitler usou para se tornar o *“Grande Führer”* e ter ascensão, manipulando os filmes; a imagem em movimento foi a encenação das vítimas, com tal cuidado e destreza que aliava Hitler a Hollywood até hoje. As grandes manipulações de massa, que não foram criadas por uma pessoa mediana, e sim por Leni Riefenstahl, cineasta que conseguiu ligar a imagem/movimento à estratégia de guerra, tendo nos bastidores a realidade e os horrores do holocausto.

Kant, tentando superar a dualidade entre objetividade e subjetividade afirma que o belo “é aquilo que agrada universalmente, ainda que não se possa justificá-lo intelectualmente” (ARANHA; MARTINS, 1997, p. 379). Então o belo é o atributo que fornecemos a certos objetos para exprimir com subjetividade o que sentimos; sendo assim, não há belo, nem regras. Conforme afirma Dufrenne (2002, p. 571-572): “se nós podemos sentir o trágico de Racine ou o patético de Beethoven ou a serenidade de Bach é porque temos uma ideia – anterior a qualquer sentimento – do trágico, do patético ou do sereno, vale dizer, daquilo que doravante deveremos chamar de categorias afetivas”.

De acordo Deleuze (2007), a experiência estética diz que na Fenomenologia, a descrição do objeto e da percepção estética, salienta o sentimento. Desse modo, podemos questionar a cultura? O homem recebe a cultura historicamente de seus antepassados, porém o homem é condicionado pela cultura, mas tem capacidade de adquirir cultura e se cultivar. Essa não é uma crítica da Fenomenologia, mas possui vínculos com Husserl (2002) e a crítica de Kant (1997).

Somando esse conceito, a experiência estética situa-se dentro da realidade e não temos dúvida de que o homem é condicionado pela cultura. De acordo com tal premissa, afirma Merleau Ponty (2006, p. 307): “Se ele contempla uma paisagem é com os olhos que foram educados pela pintura; se ele acolhe o imaginário, é com ajuda das imagens que foram fornecidas pelas mitologias ou pelas artes”. Dufrenne (2002, p. 571-572) apresenta que o “pensamento utópico é o pensamento do possível que se anuncia no real e nele encontra o começo da realização”.

Figura 13: Enciclopédia do Holocausto



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lear>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/74/74994.jpg>>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/06/06668.jpg>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_3IPy4irskdQ/TLbqjMVnaHI/AAAAAAAAAoA/TC3tzc72dH8/s1600/0000013943_1_web.jpg>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_3IPy4irskdQ/TLbqjMVnaHI/AAAAAAAAAoA/TC3tzc72dH8/s1600/0000013943_1_web.jpg>. Acesso em: 30 jun. 2018.



Fonte: Disponível em: <http://4.bp.blogspot.com/_3IPy4irskdQ/TLbxoBX7NYI/AAAAAAAAAqI/OFQNcUD5XRc/s1600/0000021236_1_web.jpg>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/85/85196.jpg>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/83/83761.jpg>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/05/0555.jpg>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Figura 14. Imagens History Chanel 2



Fonte: Disponível em: <<http://universoconcentracionario.files.wordpress.com/2012/06/ravensbrc3bck-pierna.jpg?w=291&h=375>>. Acesso em: 1 nov. 2016.



Fonte: Disponível em: <<https://www.ushmm.org/lcmedia/photo/lc/image/50/50521.jpg>>. Acesso em: 1 nov. 2016.

Pode-se analisar que, trabalhando assim, Hitler conquistou seu povo, tornando-o cúmplice de um genocídio que não cometeram com as próprias mãos, mas sim com a apropriação de opiniões alheias sem questionar o que seria melhor ou mais digno. Suas culturas familiares, políticas e ideologias ficaram, em primeira vista, sem análise das consequências. As propagandas da Segunda Guerra foram, de certa forma, o pensamento utópico que foi anunciado como o real e gerou a realização de um Führer determinado e obscuro.

As montagens estéticas no cinema propiciam grandes resultados. As questões debatidas com relação ao cinema político são bastante longas e causaram grandes debates e discussões. No entanto, não podemos deixar de considerar o grande resultado da união entre a Arte e a Política, assunto que chama atenção de estudiosos, historiadores, críticos, dentre outros nos registros da história da humanidade. No século passado, o fascismo, o comunismo e o nazismo procuraram o apoio das artes. Nesses casos não será mencionado o preço que cada artista pagou se sujeitando à censura, insubordinação ou à própria vida. Assim, essas forças também descobriram como o cinema poderia trabalhar a favor da política. Com o nazismo não foi diferente, Joseph Goebbels, ministro da propaganda do Terceiro Reich, usou o cinema alemão como ferramenta para conquistar o mundo e, assim, as propagandas nazistas foram as mais bem-sucedidas campanhas para realizações do nazismo, utilizando o cinema como instrumento da vida real.

Considerações finais

Até que ponto essas obras cinematograficamente políticas são eficazes? E se esse espectador não partilha da mesma ideia? O que se pode afirmar com tantas imagens é que, independentemente da estética utilizada, podendo ser a melhor cena, tomada ou montagem, nunca se conhecerá em profundidade a dor vivida na Segunda Guerra Mundial. O cinema nos traz a presença dos horrores do Holocausto; a estética nos faz ter uma empatia com os elementos apresentados; com a estética do cinema, ganhamos uma identificação afetiva ou intelectual com a situação apresentada, com aquelas dores e vidas perdidas. O cinema é o espaço que tem excelência para análise do passado e presente. O cinema traz-nos memórias e as lentes, com seus movimentos, ângulos e proximidades, não somente define o que vai captar, mas também o que o espectador precisa sentir, quais os efeitos mentais e psicológicos trazidos à tona quando a cena é exibida. O cinema é a “Arte inesgotável”. Os números de mortes e atrocidades registradas dos povos ditos imperfeitos, aqueles que não pertenciam a suposta raça superior ariana, representa a dimensão daquele período cinza de nossa história, entretanto, acredito que não dimensione a dor, a humilhação e a frustração de quem sofreu na pele as barbaridades executadas pelo sistema nazista. Que o cinema permaneça homenageando em suas películas e, conseqüentemente, abrindo novas portas para uma humanidade menos intolerante e hostil.

Referências

A PROPAGANDA NA SEGUNDA GUERRA. Brasil: Canal Philos, 2010. Programa e série exibida Canal Philos. Disponível em: <<https://philos.tv>>. Acesso em: 20 ago. 2017.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**. São Paulo: Editora Moderna Ltda., 1997.

ARTAUD, Antonin. O cinema e a abstração. Tradução de Sílvia Fernandes. In: ARTAUD, Antonin. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento. Rio de Janeiro, 2003.

BAZIN, André. **O cinema**: ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991, p.276.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUFRENNE, Mikel. **Phénoménologie de l'expérience esthétique (I – L'objet esthétique)/(II – La perception esthétique)**, Paris, PUF, 1953, citado na dissertação de mestrado de FERREIRA. Tereza Isabel, de O. F. T, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2002, p. 571-572.

DUHAMEL, G. **Remarques sur les mémoires imaginaires**. Paris: Mercure de France, 1930.

FIGURELLI, Roberto. **Estética e crítica**. Curitiba: UFPR, 2007.

FRANK, Otto H.; PRESSLER, Mirjam. **O diário de Anne Frank**. Rio de Janeiro: Record Ltda., 2015.

HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte**. Lisboa: Edição 70, 1992.

HITLER, A. **Mein kampf**. Munique, Editora central do NSDAP, 1926.

HOLOCAUST. **Memorial museum**: tradução enciclopédia do holocausto. [s.d.]. Disponível em: <<https://www.ushmm.org/ptbr>>. Acesso em: 7 set. 2016.

HOLOCAUSTO. Documentário Canal History 2. Disponível em: <<https://seuhistory.com/videos/batalha-pela-memoria-do-holocausto>>. Acesso em: 7 set. 2016.

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Lisboa: Edições 70, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiros de Moura. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OSBORNE, H. **A apreciação da arte**. São Paulo: Cultrix, 1978.

PEREIRA, Conceição. **Leni Riefenstahl, o génio maldito**. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/forumedia/4/8.htm>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

TAFNER, Elisabeth Penzlien; SILVA, Everaldo da. **Metodologia do trabalho acadêmico**. Indaial: UNIASSELVI, 2008.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.

O DESENHO NA HISTÓRIA DA ARTE

The drawing in the history of art

Gabriele Nunes da Silva¹

Keli Tamara Padilha²

Samantha Salomon Hubel³

Resumo: A presente pesquisa tem o objetivo de mostrar as diferentes representações do desenho na história da arte, mostrando também ideias de atividades para o professor desenvolver com seus alunos. A pesquisa foi produzida em grupo, utilizando materiais como livros e sites. Teve-se a oportunidade de fazer descobertas juntas e aprender novos métodos de trabalho baseados nas pesquisas, nos projetos já trabalhados por outros profissionais e, em alguns casos, adaptamos nossas ideias sobre esses projetos.

Palavras-chave: História da Arte. Desenho. Projetos.

Abstract: The present research aims to show the different representations of the drawing in the history of art, also showing ideas of activities for the teacher to develop with their students. The research was produced in a group, using materials such as books and websites. We have had the opportunity to make discoveries together and learn new work methods based on research, projects already worked by other professionals and in some cases we adapt our ideas about these projects.

Keywords: History of Art. Drawing. Projects.

Introdução

Muito antes do ser humano criar uma forma de se comunicar através da escrita, o que ele desejava comunicar, representava através de desenhos. Com a finalidade de identificar as mais variadas formas de desenhar e a sua própria evolução com o passar dos anos, passando de esboços em paredes de cavernas, até o mais complexo sistema para confecção de algum projeto, o desenho acompanha e se confunde com a história do próprio ser humano. Desta forma, este trabalho se embasa nas teorias de Graça Proença, buscando compreender esse progresso.

Os professores podem criar métodos para que consigam repassar para os alunos a história do desenho artístico, bem como a sua participação fundamental para a evolução do próprio ser humano.

O desenho na história da arte

O desenho é uma forma gráfica que pela linguagem visual permite a comunicação e a compreensão dos diferentes signos. Em cada período, o desenho é expresso e compreendido de diversas formas.

O desenho na Pré-história

¹ Acadêmica do curso de Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – E-mail: gabimarnunesdasilva@gmail.com

² Acadêmica do curso de Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – E-mail: keyty_tamy@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de Artes Visuais Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – E-mail: samantha.hubel@hotmail.com

Desde que se tem registros, o ser humano tem a necessidade de expressar-se, e assim fez, de tal forma que conseguiu transmitir mensagens para seus povos sucessores através de desenhos, pois ainda não tinha desenvolvido uma forma de escrita. Ao contrário do que temos hoje, na Pré-história, o homem não tinha a mínima consciência, nem a intenção de criar obras de arte, tendo a necessidade de passar mensagens para povos sucessores.

Trata-se da primeira demonstração artística catalogada e conhecida da história humana. Pelo que foi pesquisado e descoberto sobre o assunto, esses registros vêm antes das formações das grandes civilizações. Seus materiais eram os mais variados, podendo ser tinta à base de terra vermelha, carvão, extrato de plantas e pigmentos amarelos. Os desenhos eram feitos em peles de animais, em paredes de cavernas, até mesmo em pedras. Tratavam-se de representações de sinais, magias, caçadas, animais, pessoas etc.

O desenvolvimento era lento, pois o povo era muito primitivo, as representações diferenciavam-se conforme a região, mas apesar da diferença representacional e do estilo de cada pessoa, já se pode identificar o pontilhado, o traço contínuo, entre outras características.

Paleolítico inferior

No paleolítico inferior, que vai de 5.000.000 a 25.000 a. C., surgiram os primeiros hominídeos. Os registros eram baseados em caça e coletas, a importância do controle do fogo e instrumentos feitos com pedra lascada e madeira, ou ossos. Esses instrumentos podiam ser facas, machados.

Paleolítico superior

Nesta época eram pintados os seres, um animal, por exemplo, mas era representado por caçadores, conforme eles viam. A teoria mais aceita é que buscavam aprisionar a alma do animal através da magia colocada no desenho, como se o caçador tivesse poder sobre o animal depois de representá-lo em uma imagem nas paredes da caverna, assim teriam poder sobre o animal a ser caçado, por o ter representado ferido em sua ilustração. Também foi nesse período que apareceram as esculturas, mas é curioso que as imagens predominantes tanto na escultura quanto na pintura são femininas.

Neolítico

Período marcado pela comunidade que se fixa em um determinado território e deixa a vida nômade de lado para tornar-se camponesa. É marcado pelo início do cultivo das terras e pelo cuidado com animais, no qual o homem formava comunidades e começava a constituição da família e de grupos de trabalho e de religião.

A arte foi marcada pelo início de tecelagens simples e cerâmica, começaram a aparecer as primeiras casas e os trabalhos com metais. Tudo refletiu na arte e as representações de vida coletiva começaram a aparecer.

Idade dos metais

Esse é o último período da Pré-história, em que as produções começaram a ganhar escalas maiores, deu-se início aos trabalhos com cobre, bronze e ferro, surgindo a cultura megalítica

marcada pelos monumentos de pedra. Aparecem os vasos campaniformes, cuja característica são olhos grandes em figuras humanas. Surgem as primeiras câmaras funerárias e a cerâmica era policromática com apliques de metais e decorações em formas geométricas, mas a formação artística mais marcante foram as armas, como espadas, lanças e escudos.

O desenho na idade antiga

A arte antiga foi feita pelas civilizações da Antiguidade após a criação da escrita e estende-se até a Idade Média. O desenho foi representado em paredes, em papiros, peças de cerâmica, esculturas, afrescos e arquitetura. As três principais civilizações que influenciaram a arte e a cultura ao longo dos tempos foram a egípcia, a grega e a romana.

O desenho e a arte egípcia

Os egípcios foram uma das principais civilizações da Antiguidade. Sua arte estava relacionada aos temas religiosos e a maioria dos desenhos e pinturas eram feitos nas paredes das pirâmides. As obras mostravam a vida dos faraós, as ações dos deuses, a vida após a morte e outros temas da vida religiosa que ajudaram na criação de várias obras na arquitetura, na pintura, na escultura e no desenho.

Dentre as características do desenho está a representação da figura humana, que era denominada como “Lei da Frontalidade”, em que a cabeça, os braços, as pernas e os pés eram feitos de perfil, e os olhos, os ombros e o tronco de frente. Outra característica dos desenhos é que eles eram acompanhados por textos, conhecidos como escrita hieroglífica. Essa escrita era feita com sinais desenhados.

Figura 1. Obra egípcia



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/epxWpU>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

O desenho e a arte grega

Os gregos foram os criadores de diversas formas artísticas. Os artistas tentavam extrair a

perfeição das formas. Representavam suas obras de forma idealista, tentando retratar o homem sem nenhum defeito.

A pintura como desenho tornou-se elemento de decoração, tendo representação nas cerâmicas. Os desenhos nos vasos representavam as atividades cotidianas das pessoas ou cenas mitológicas.

Figura 2. Vaso grego



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/ZrdKSn>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

O desenho e a arte romana

Os romanos tiveram influências da arte grega e etrusca, mais tarde teve uma percepção independente. Os romanos foram fundadores do maior império.

A arte romana representou toda a população, desde servos até imperadores. Evidenciavam as pessoas como realmente elas eram. Na pintura, retratavam a vida cotidiana, acontecimentos históricos, natureza morta, mitos e retratos. Criaram muitos afrescos, nos quais é possível ver elementos visuais, como perspectiva, proporcionalidade, luz e sombra.

O desenho na Idade Média

Os temas retratados na Idade Média apontavam para dois caminhos: o primeiro era iluminado pela divindade e o segundo era obscuro por apresentar o infortúnio daqueles que não seguiam as leis cristãs. Os temas eram sobre histórias de santos, anjos, profetas e narrativas do passado pagão. Serão apresentados três estilos artísticos: arte bizantina, românica e gótica.

Arte bizantina

A arte bizantina ocorreu entre os séculos X e XV. Suas manifestações artísticas foram criadas pelo Império Bizantino. Criaram diferentes produções artísticas, tanto na arquitetura, como na escultura, pintura e também o mosaico.

Na pintura, destacaram-se os afrescos, que eram pinturas feitas em paredes e, geralmente, em igrejas. Representavam figuras sagradas como Jesus, a Virgem Maria, os apóstolos, santos e mártires. Também faziam miniaturas, que eram desenhos e pinturas feitos para ilustrar livros. Tinham como característica a frontalidade e a rigidez à forma do personagem retratado.

Para Proença (2011, p. 54), a arte bizantina tinha o objetivo de expressar “autoridade absoluta e sagrada do imperador considerado o representante de Deus, com poderes temporais e espirituais”. É possível perceber isso nos mosaicos nos quais expressavam o poder e a riqueza.

Figura 3. Mosaico que mostra o Imperador Justiniano



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/K6DKNc>>. Acesso em: 3 jun. 2017.

Arte românica

A arte românica é um estilo vigente da Europa entre os séculos XI e XII, que foi desenvolvida na Corte de Carlos Magno a partir da criação da Academia de Literatura. Eram feitas oficinas nas quais criavam manuscritos ilustrados.

Suas figuras religiosas tinham formas e expressões invariáveis, de volume e dimensões uniformes, apareciam nas esculturas e relevos que faziam parte da própria arquitetura das catedrais.

Na criação das pinturas em murais, usavam a técnica do afresco. Os murais tinham como modelo as ilustrações dos livros com cenas bíblicas. A figura de Cristo é maior que as demais, como também as proporções exageradas de suas mãos e braços, que tinham a intenção de valorizar os gestos para quem está observando.

Arte gótica

A partir do século XII, os povos da Idade Média deslocaram-se do campo para a cidade. A economia baseou-se no comércio. A cidade se transformou em um centro de informações

para organização social e conhecimento artístico.

A arte gótica tem influência religiosa, em que este tema é muito explorado. A arquitetura é a principal manifestação desse período, desde que a escultura estava associada à arquitetura.

Essa arte trouxe muitas transformações, buscou maior movimento, naturalismo e tridimensionalidade em seus desenhos. Nos ricos manuscritos, valorizava-se o desenho do corpo humano e os detalhes das vestimentas.

O desenho na Idade Moderna

Este período foi destacado pelas grandes descobertas, compreendendo novas perspectivas artísticas, em que ocorreram acontecimentos como a Reforma Protestante e a Contrarreforma, que influenciaram a arte por certo momento.

Desta época, pode-se destacar dois movimentos importantes: Renascimento e Barroco.

Arte renascentista

O Renascimento revolucionou várias áreas do conhecimento, trazendo novamente o retorno da arte greco-romana. A partir desse período, o ser humano foi influenciado pelo ideal humanista, que valorizava a natureza e o ser humano em oposição ao divino e sobrenatural. Os artistas buscaram expressar a racionalidade e a dignidade humana, tornando a arte uma profissão. Além de artistas, eram considerados cientistas, engenheiros, físicos, filósofos e matemáticos. Através de muitos estudos criaram obras magníficas.

Um artista que teve grande destaque foi Leonardo da Vinci. Dedicou seus estudos a praticamente todas as áreas do conhecimento, como geometria, mecânica, geologia, arquitetura, botânica, astronomia, anatomia, entre outros. Além de desenvolver grande conhecimento com a perspectiva e a proporção.

Arte barroca

A arte barroca teve seu início na Itália. Foi neste período que aconteceu a Reforma Protestante e a Contrarreforma. O Barroco buscou retratar os fatos religiosos, a vida da nobreza e dos povos mais simples, exaltando sentimentos e emoções. Os artistas buscavam expressar o movimento, em que havia o predomínio de linhas curvas e o exagero dos detalhes, havendo também simetria das formas. A retratação do semblante do rosto dos personagens em pintura ou esculturas revelavam profunda emoção, atingindo a dramaticidade.

O desenho na Idade Contemporânea

Esse período teve início com a Revolução Francesa, em 1798, e sofreu com mudanças causadas pela Revolução Industrial. Essas mudanças foram sociais, políticas e culturais, havendo também mudanças no ideal artístico no século XIX.

O pensamento humano teve várias concepções a partir dessa época, na qual criaram vários movimentos artísticos. Os movimentos artísticos que abordam o conhecimento do desenho são: Arte Acadêmica, Arte moderna e Arte Contemporânea.

O desenho e a Arte Acadêmica

A Arte Acadêmica teve seu início em meados do século XVIII, com a criação do Neoclassicismo. Esse estilo retomou os princípios da arte da Antiguidade Greco-romana e buscou conceitos das academias de arte criadas na época, que, geralmente, eram mantidas pela realeza.

Os artistas retratavam a família real e suas realizações ou faziam referências ao poder real, buscando a valorização do racionalismo, da harmonia e do equilíbrio.

Com a Revolução Francesa, permitiu-se expressar as virtudes cívicas, o dever, a austeridade e a honestidade.

Na primeira metade do século XIX, desenvolveram-se novas perspectivas para as artes, surgindo o Romantismo, que teve início na Alemanha. Esse movimento valorizava a subjetividade, a emoção, a intuição e a imaginação sobre a razão. O Romantismo buscou expressar a individualidade do artista, sua visão de mundo, através de seus medos, angústias, tristezas ou alegrias.

Para Novalis (2008, p. 7-8), “tudo o que é visto a distância se transforma em poesia: montanhas distantes, povos distantes e eventos distantes. Tudo se torna romântico”. Pode-se dizer que o artista tenta trazer à tona o seu mundo interior, indagando seus impulsos naturais.

Por último, o movimento conhecido como Realismo, que surgiu entre 1850 e 1900. De acordo com Proença (2011, p. 180) “o homem europeu, que tinha aprendido a utilizar o conhecimento científico e a técnica para interpretar e dominar a natureza, convenceu-se de que precisava ser realista, inclusive em suas criações artísticas, deixando de lado as visões subjetivas e emotivas da realidade”. Assim foram criadas obras a partir de uma realidade fiel à natureza. Os temas retratados deveriam seguir a realidade e não o imaginário.

As obras mostravam a realidade da população, que com a industrialização e o desenvolvimento tecnológico fez a população ir para os grandes centros, criando uma grande massa trabalhadora que viveu precariamente. Estas condições fizeram surgir a pintura social, que tinha como propósito denunciar a desigualdade entre os pobres trabalhadores e os ricos burgueses.

O desenho e a Arte Moderna

No final do século XIX, os Estados Unidos e a Europa passaram por um período de prosperidade, fruto do desenvolvimento industrial e tecnológico. As artes deste período revelaram uma constante inquietação com relação às possibilidades de expressão artística.

Esta nova tendência artística fez surgir a Arte Moderna ou também de Vanguarda. Este movimento rompeu com a arte, uma das principais rupturas foi a de que a arte deveria reproduzir um ideal de beleza e imitar a realidade e a natureza.

O artista teve a liberdade de criar suas próprias regras e não mais as regras estabelecidas pela Arte Acadêmica.

Alguns dos estilos que figuraram neste período foram: Dadaísmo, Cubismo, Abstracionismo, Futurismo, Fauvismo, Surrealismo, entre outros. Cada um desses movimentos utiliza características distintas na criação do desenho.

O desenho e a Arte Contemporânea

A partir da metade do século XX, para recuperar a economia devido à Segunda Guerra Mundial, as indústrias passaram a produzir em grande escala. Em meio a isso, surgiu os movimentos Op Art e a Pop Art. O Pop Art utiliza materiais diferenciados e se apropria de imagens já existentes. Este movimento valoriza a imagem com relação à tecnologia e ao meio urbano, reproduzindo figuras do universo da propaganda e do consumo. Já a Op Art valoriza

as formas geométricas e provoca a sensação de movimento e ilusão ótica para quem vê a obra.

A partir de 1960, a Arte Contemporânea passou a buscar nas diversas linguagens, como performance, *happening*, *body art*, instalação, *land art*, arte conceitual, grafite, entre outros, uma arte que propõe o questionamento do próprio visível.

Figura 4. Roy Lichtenstein. M-Maybe. 1965



Fonte: Disponível em: <<https://sites.google.com/a/minsterschools.org/minster-art/roy-lichtenstein>>. Acesso em: 8 abr. 2017.

Ideias para se trabalhar em sala de aula

Após pesquisa sobre alguns projetos já trabalhados por equipes de professores, destaca-se os mais interessantes. Um deles é o que foi realizado pela Secretaria de Educação do Município de Itápolis.

Figura 5. Pintura em pedras



Fonte: Disponível em: <<http://www.itapolis.sp.gov.br/portal4/index.php/secretarias-e-orgaos/educacao/1865-pre-historia-e-arte-na-educacao-e-tema-de-trabalho-de-alunos-da-rede-municipal-de-ensino>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Como representado na Figura, as crianças colocaram tinta sobre pedra e papelão, criando uma imitação dos trabalhos do Período Paleolítico. Assim, foi destinado um espaço para a imitação da parede de uma caverna, onde os alunos trabalharam juntos, fazendo inscrições baseadas em um trabalho e estudo teórico anterior.

Figura 6. Desenhos na parede



Fonte: Disponível em: <<http://www.itapolis.sp.gov.br/portal4/index.php/secretarias-e-orgaos/educacao/1865-pre-historia-e-arte-na-educacao-e-tema-de-trabalho-de-alunos-da-rede-municipal-de-ensino>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

Uma ideia criativa foi desenvolvida por alunos do 6º ano de uma de São Paulo sobre a arte egípcia. Para esta proposta, criaram papiros feitos de gases, cola e café, depois, as crianças desenharam sobre o papiro, aplicando a Lei da Frontalidade e pintaram com giz de cera. Nos trabalhos, foram aplicadas outras características da arte egípcia.

Figura 7. Arte egípcia



Fonte: Disponível em: <<https://goo.gl/2DEE4G>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

Outro projeto interessante foi desenvolvido na Escola Básica Municipal das Nações, na qual foi realizado um trabalho com mosaico representando a expressão artística bizantina. É possível fazer os mosaicos com diversos materiais, como a cartolina ou papel laminado. Neste caso, foi usado EVA, o qual os alunos cortaram em pequenos pedaços e colaram no papel formando o desenho desejado.

Figura 8. Mosaico feito por alunos do 7º ano



Fonte: Disponível em: <<http://ebmnacoes.blogspot.com.br/2016/05/mosaico-artebizantina.html>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Outra ideia interessante para trabalhar-se com mosaicos bizantinos foi aplicada a alunos de uma escola municipal da cidade de São João da Barra no Rio de Janeiro. Os alunos inspiraram-se na produção dos vitrais coloridos presentes nas igrejas da época.

Figura 9. Mosaico



Fonte: Disponível em <<https://goo.gl/xwSvS3>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

Através dessas ideias, quer-se transmitir aos professores de Arte as várias maneiras de trabalhar-se os temas citados, abrangendo novas experiências na área e desenvolvendo atividades diferentes e lúdicas com os alunos, podendo explorar o lado artístico e criativo deles.

Considerações finais

Desde pesquisas embasadas em um contexto histórico, através de livros e sites educacionais, encontrou-se exemplificações de trabalhos já realizados por instituições de ensino em cidades vizinhas, como o projeto da Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de Itápolis, que usando tinta sobre pedra e papelão, reproduziu a manifestação na Pré-história. Buscou-se recriar o mosaico e frisar nos materiais usados, que variavam dependendo da realidade, região, cultura e disponibilidade para cada artista e época, pois o mosaico foi uma das manifestações artísticas que utilizava desde areia, pedras, pastilhas de vidro, seixos, madeiras, dependendo da situação, no Período Bizantino. Foi possível utilizar papel laminado e EVA para reproduzir os vitrais.

O objetivo maior foi encontrar atividades lúdicas e ativamente históricas. Despertar em nossos alunos o desejo do saber. Tornar interessante a descoberta, para que eles, participando ativamente das atividades, sentissem e identificassem as infinitas possibilidades de criação, fazendo com que a principal ferramenta para a realização das atividades seja a própria imaginação, para que eles entendam que é possível sim criar obras fantásticas, repletas de expressão e sentimento, mesmo com uma quantidade de material escasso, ou tendo que retirar os materiais disponíveis em seu próprio ambiente, abrindo um leque de possibilidades para pesquisas futuras.

Toda a pesquisa nos deu uma oportunidade ainda maior de explorar a história do desenvolvimento do desenho artístico. Ficamos encantadas com a possibilidade de trabalhar inúmeros projetos com os alunos das mais variadas idades, podemos levar o exemplo do Período Paleolítico, e produzir nossas próprias tintas através de cascas, barro e folhas, fazer desenhos em vasos de barro, como no Egito Antigo, ou fazer desenho de observação com as pinturas e os mosaicos de recortes de papel, imitando os de Roma. Assim, os alunos podem ter uma base de construção do desenho, para que quando maiores estejam preparados para a percepção. Quando o professor levar para a sala de aula os efeitos de luz e sombra, eles estejam aptos para evoluir as técnicas de desenho e acompanhar a criação através da passagem dos séculos.

Referências

COLÉGIO SANTO AGOSTINHO. **Arte e cultura no Egito Antigo – 6º ano**. [s.d.].

Disponível em: <<http://www.csa.osa.org.br/arte-e-cultura-no-egito-antigo-6o-ano/>>. Acesso em: 22 abr. 2018.

HISTÓRIA DA ARTE. **Idade Moderna**. [s.d.]. Disponível em: <<http://historia-da-arte.info/idade-moderna.html>>. Acesso em: 11 abr. 2017.

LOPES, E. S. S.; KONEL, V.; ODORIZZI, T. J. **Desenho artístico e de apresentação**. Indaial: Uniasselvi, 2016.

MIRANDA, N. **Breve história do desenho**. [s.d.]. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/perspetiva600/historia-do-desenho-e-da-perspetiva>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

NOVALIS, F. **Romantismo**. Berlim: Taschen, 2008.

PROENÇA, G. **História da arte**. São Paulo: Ática, 2011.

ROSSI, J. **Desenho artístico e história da arte**. 2008. Disponível em: <<http://julirossi.blogspot.com.br/2008/04/idade-mdia.html>>. Acesso em: 10 abr. 2017.

STRICKLAND, C. **Arte comentada: da Pré-história ao Pós-moderno**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.

PROCESSOS DE APRENDIZAGEM NA DIVERSIDADE E NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS: CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE COM EQUIDADE

Learning processes in diversity and special educational needs: building a society with equity

Andreza de Oliveira¹

Michelli Andreia Souza²

Resumo: É através da educação escolar que muitas pessoas encontram a possibilidade de superar suas dificuldades. É também na escola que a sociedade manifesta seu desenvolvimento cultural, econômico e social. É na escola que se consolida uma sociedade justa e democrática. A educação inclusiva vem de encontro aos ideais da democracia, que buscam garantir a igualdade de oportunidade a todas as pessoas. A presente pesquisa está pautada no alicerce de Freire (1996), Vasconcellos (2010) e Garcia (2013), tendo como objetivo estudar a inclusão no processo de aprendizagem, requerendo a atenção para as necessidades especiais de cada educando, exigindo a busca por um currículo escolar que proporcione a todos o direito de aprender dentro do ensino regular de forma diferenciada; para que cada aluno possa desenvolver suas potencialidades, contribuindo desta forma para a construção de uma sociedade com equidade.

Palavras-chave: Inclusão. Necessidades especiais de aprendizagem. Equidade social.

Abstract: It is through school education that many people find the possibility of overcoming their difficulties. It is also at school that society manifests its cultural, economic and social development. It is in the school that a just and democratic society is consolidated. Inclusive education comes against the ideals of democracy, which seek to guarantee equality of opportunity for all people. Studying inclusion in the learning process requires attention to the special needs of each learner, requires the search for a school curriculum that gives everyone the right to learn within regular education in a differentiated way; so that each student can develop their potential, contributing in this way to the construction of a society with equity.

Keywords: Inclusion. Special learning needs. Social equity.

Introdução

Nessa pesquisa será abordada a importância da inclusão das pessoas com deficiências no ensino regular, as leis que amparam esse processo e como essas ações podem refletir no empoderamento dessas pessoas, que ao se sentirem incluídas nos grupos escolares e respeitadas dentro da sua singularidade têm sua autoestima ampliada, tornando seu processo de aprendizagem mais eficaz.

Conhecer as leis que garantem a inclusão das pessoas com deficiências nas escolas é fundamental para que educadores, gestores, pais, amigos e todos os envolvidos nesse processo saibam realizá-lo com lucidez. Lutar pela garantia dos direitos à inclusão é mais que lutar pela aplicação de leis, é clamar por justiça, por equidade, pela valorização e respeito à vida, fomentando nos ambientes escolares espaços capazes de modificar a realidade das pessoas, assegurando que todos possam usufruir em plenitude dos direitos constitucionais.

Sobre o processo de inclusão das pessoas com necessidades específicas no ensino regular e sua importância para a garantia da igualdade

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

² Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – 89130-000 – Indaial/ SC Fone (47)32819000 – Fax (47) 3181-9090 – Site: www.uniasselvi.com.br

Pensar sobre a educação inclusiva no sistema educacional brasileiro é pensar sobre igualdades e diferenças. Entender que todas as pessoas são diferentes é fundamental no processo de inclusão escolar, e ver nas diferenças a possibilidade de enriquecimento do ambiente educacional facilita este processo. Valorizar as características individuais dos alunos torna o ambiente escolar favorável também para a relação entre educadores e alunos.

Ensinar e aprender exige do grupo escolar respeito pelas diferenças. É necessário que todos os alunos consigam aprimorar suas qualidades dentro do espaço escolar. Na Declaração Mundial sobre Educação (DME) para Todos, de 1990, que aconteceu em Jomtien, na Tailândia, encontra-se as seguintes orientações:

Artigo 1. Satisfazer as Necessidades Básicas de Aprendizagem.

1 Cada pessoa - crianças, jovem ou adulto - Deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas voltadas para satisfazer suas necessidades básicas de aprendizagem. Essas necessidades compreendem tanto os instrumentos essenciais para aprendizagem (como a leitura e a escrita, a expressão oral, o cálculo, a solução de problemas), quanto aos conteúdos básicos da aprendizagem (conhecimentos, habilidades, valores e atitudes), necessários para que os seres humanos possam sobreviver, desenvolver plenamente suas potencialidades, viver e trabalhar com dignidade, participar plenamente do desenvolvimento, melhorar a qualidade de vida, tomar decisões fundamentadas e continuar aprendendo. A amplitude das necessidades básicas de aprendizagem e a maneira de satisfazê-las variam segundo cada país e cada cultura, e, inevitavelmente, mudam com o decorrer do tempo (TAILÂNDIA, 1990, p. 3).

Podemos encontrar na Declaração de Salamanca, de junho de 1994, que ocorreu na Espanha, os seguintes dizeres sobre os direitos de inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais no ensino regular e sua relevância:

- toda criança tem direito fundamental à educação, e deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem;
- toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas;
- sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades;
- aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deveria acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança capaz de satisfazer a tais necessidades;
- escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas proveem uma educação efetiva à maioria das crianças e aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo a eficácia de todo sistema educacional (ESPAÑA, s.d, p. 1).

Uma escola que tenta valorizar o aluno e que abarca o seu lugar na contribuição da formação do conhecimento é aquela que compreende os processos individuais de aprendizagem, é aquela escola que busca atender a todas as crianças, sem medo de superar as possíveis “dificuldades” que o processo de inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais virá gerar no ambiente escolar.

Envolver toda a comunidade escolar: gestores, pais, professores e demais profissionais que trabalham na escola é importante para que este processo seja facilitado, para que as crianças incluídas se sintam fortalecidas e capazes de conquistar seus desejos.

Cursos de capacitação para os profissionais da educação devem ser oferecidos pelo governo e prefeitura, a fim de ampliar o conhecimento sobre as diversas necessidades educacionais que hoje se encontra nas escolas, esclarecendo, assim, dúvidas e organizando estratégias de ação que auxiliem os educadores em suas práticas pedagógicas na escola.

A formação de recursos humanos com capacidade de oferecer o atendimento aos educandos especiais nas creches, pré-escolas, centros de educação infantil, escolas regulares do ensino fundamental, médio e superior, bem como em instituições especializadas e outras instituições é uma prioridade para o Plano Nacional de Educação. Não há como ter uma escola regular eficaz quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos educandos especiais sem que seus professores, demais técnicos, pessoal administrativo e auxiliar seja preparado para atendê-los adequadamente (BRASIL, 2000, p. 87 apud GARCIA, 2013, p. 101).

Proporcionar a todos uma educação que seja capaz de suprir as necessidades especiais durante o processo individual de aprendizagem requer uma reformulação no currículo escolar. A criação de um currículo que seja capaz de atender a todas as diferenças culturais, econômicas, étnicas, sociais, físicas e intelectuais presentes nesta sociedade é um fator crucial para uma revolução na educação que contribuirá para a evolução da nação.

O aluno com necessidades especiais de aprendizagem consegue aprender?

O aluno com necessidade especial de aprendizagem também é capaz de aprender tudo o que lhe é ensinado, a diferença em relação aos demais é o tempo que este aluno leva para aprender. Esse processo individual do aprender exige do professor sensibilidade para desenvolver maneiras criativas, ou seja, a utilização de diversos métodos, que facilitem o desenvolvimento intelectual do estudante. Faz-se necessário também o conhecimento de métodos avaliativos, pois todo e qualquer aluno deve ser avaliado de maneira diferente.

De acordo com o Programa de Orientação Curricular do Ensino Fundamental de São Paulo (2007, p. 32):

A avaliação inicial do repertório dos alunos com necessidades educacionais especiais e a avaliação processual de sua aprendizagem é fundamental para assegurar sua escolarização, por isso a sua não realização significaria subestimar as suas possibilidades de aprender ou quedar-se às crenças na incapacidade deles, negando a premissa de que todo ser humano aprende. Contudo, se o professor alega que o aluno não está aprendendo, antes de ele ser rotulado e/ou excluído, devem ser respondidas, pelo menos, três perguntas: O que se está esperando que ele aprenda, ou seja, quais objetivos estão previstos no seu processo de escolarização? O que lhe está sendo ensinado e para que, portanto, quais conteúdos estão compondo o planejamento do professor? Como está se realizando seu ensino, ou seja, que metodologia e quais procedimentos são administrados e que materiais e equipamentos estão à disposição?

Encontramos no mesmo documento a seguinte orientação:

A aprendizagem não deve ser considerada como resultado única e exclusivamente do aluno, mas deve estar sendo construída no dia a dia, pois quando o professor identifica que o aluno começa a encontrar obstáculos na realização das atividades ou percebe que delas não participa, torna-se necessária a rápida intervenção desse profissional e da equipe escolar, pois ele pode precisar de mais tempo para realizar a atividade; requerer material introdutório mais simples ou mais concreto; demandar a provisão de meios

especiais de acesso ao currículo, como material em braile. Intérprete e instrutor de libras, equipamentos especiais de comunicação alternativa, jogos pedagógicos adaptados, dentre outros (SÃO PAULO, 2007, p. 34).

É interessante pensar sobre a didática e a avaliação utilizada nas escolas pelos docentes e gestores e qual é o objetivo que estes buscam alcançar junto aos alunos com necessidades especiais de aprendizado e como será avaliado este aluno. Possibilitar ao educando atividades e avaliações que sejam possíveis de serem realizadas dentro da sua singularidade garante-lhes o exercício pleno das suas potencialidades. De acordo com Vasconcellos (2010, p. 59):

[...] há necessidade de uma revisão da postura frente ao erro. Amiúde, a escola só reforça a falha, a deficiência do aluno; numa atividade de avaliação, é muito comum ainda só se considerar a resposta (produto) e não todo o raciocínio do aluno (processo). O professor foi formado para ver o erro e não o acerto, aprendeu a desconfiar do aluno.

Valorizar o processo de aprendizagem individual garante-lhes a igual oportunidade de conhecimento. Segundo Garcia (2013, p. 108), é comum a escola “[...] ter como objetivo maior a convivência e sociabilidade entre os estudantes e não adotar como foco principal o trabalho com o conhecimento historicamente produzido e sistematizado na forma escolar”. Privar os educandos do conhecimento é diminuir suas possibilidades de equidade social.

Garantir aos alunos as mesmas condições de aprendizagem por meio de metodologias diferenciadas para atendimento aos alunos com necessidades especiais de aprendizado possibilita o seu crescimento individual, aumenta a autoestima e permite aos educandos superarem suas “dificuldades”, vencerem seus medos e alcançarem sucesso em sua vida.

Sobre a importância da educação na busca pela equidade, faz-se necessário olhar as diferenças como qualidades de cada indivíduo, buscando caminhos que contemplem as necessidades de aprendizagem peculiares, que permitam o pleno desenvolvimento intelectual dos alunos, valorizando suas qualidades e assegurando a importância da educação escolar na construção de uma sociedade equilibrada socialmente. Segundo Góes e Laplane (2007, p. 9):

A educação apresenta-se, assim, como uma condição básica para o desenvolvimento humano que incide na qualidade da força de trabalho, variável estritamente associada, ao nível de educação formal da população. Os níveis de educação estão fortemente associados, também ao nível de renda da população: as populações menos escolarizadas possuem um nível de renda inferior ao daquelas com maiores números de anos de educação formal.

Romper “barreiras”, superar preconceitos, aprender coletivamente, propiciar pleno desenvolvimento são possibilidades maravilhosas na educação dentro da escola. O convívio e a prática do “aprender” liberta os alunos e os professores de seus bloqueios pessoais, permitindo-lhes o crescimento intelectual e moral, garantindo igualdade de oportunidade no aprendizado nas diferentes necessidades que acompanham cada aluno na escola. Praticar a equidade social é assegurar que todas as pessoas tenham acesso à educação de qualidade. “A formação para o exercício da cidadania passa necessariamente pela elaboração do conceito de justiça e seu constante aprimoramento. Uma sociedade democrática tem como principal objetivo ser justa, inspirada nos ideais de igualdade e equidade” (BRASIL, 1997, p. 107).

Na Lei nº 13.146, de 2015, no Estatuto da Pessoa com Deficiência, encontramos a seguinte orientação:

Art. 27. A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurado sistema educacional inclusivo em todos os níveis, e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.

Parágrafo único: É dever do estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015, s.p.).

Portanto, lidar com a inclusão no ambiente escolar é muito mais do que um desafio aos professores e gestores: é garantia do direito prescrito nacionalmente na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 (CRFB) no Artigo 206, que determina que “o ensino será ministrado com base nos seguintes princípios (EC nº 19/98 e EC nº 53/2016) I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola [...]” (BRASIL, 1988, p.123). Praticar a igualdade é compreender que uma sociedade mais justa começa na escola. Pensamentos e ações positivas devem ser valorizadas e desenvolvidas neste ambiente, acreditando que a educação é capaz de mudar a realidade social das famílias, como menciona Freire (1996, p. 101):

Ao reconhecer que, precisamente porque nos tornamos seres capazes de observar, de comparar, de avaliar, de escolher, de decidir, de intervir, de romper, de optar, fizemo-nos seres éticos e se abriu para nós a probabilidade de transgredir a ética, jamais poderia aceitar a transgressão como um direito, mas como uma possibilidade. Possibilidade contra o que devemos lutar e não diante da qual cruzar os braços. Daí a minha recusa aos fatalismos quietistas que terminam por absorver as transgressões éticas em lugar de condená-las. Não posso virar conivente de uma ordem perversa, ir responsabilizando-a por sua malvadez, ao atribuir a “forças cegas” e imponderáveis os danos por elas causados aos seres humanos.

Na busca pela equidade, ser ético garante, no processo de inclusão dos alunos com deficiência nas escolas regulares, a prática do ensino com qualidade para que estes alunos com necessidades especiais de aprendizagem tenham iguais condições de estudo e tenham também educadores comprometidos com o ensino e corresponsáveis pela evolução da humanidade. Ainda de acordo com Freire (1996, p. 62), “nada justifica a minimização dos seres humanos, no caso das maiorias compostas de minorias que não perceberam ainda que juntas seriam a maioria”. É importante observar que essas minorias formam a diversidade que enriquece o ambiente escolar, criando-se oportunidades justas a todos os envolvidos no processo de aprendizagem dos alunos; fortalecendo suas ações.

Valorizar os saberes possibilita ao professor a ampliação de seus conhecimentos pedagógicos e o aluno, por sua vez, sente-se acolhido, respeitado dentro de sua especificidade, motivado a ampliar seus conhecimentos. Essa ação vem ao encontro de um dos objetivos da educação descritos no PCN de 1997 do ensino fundamental, que sugere que o aluno seja capaz de “perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para melhoria do meio ambiente” (BRASIL, 1997, s.p.). Em suma: ser professor é acreditar na força renovadora e criadora do ser humano.

Considerações finais

A caminhada rumo à equidade social passa pela escolarização, por quanto é na escola que se passa uma boa parte da vida, é na escola que muitos alunos aprimoram seus pré-conhecimentos e passam a sonhar com uma realidade mais digna para si e para as pessoas que os circundam. Estudar amplia a noção espacial; podendo trazer a conscientização do pertencimento a um grupo dos seres humanos e, assim, pertencente ao mesmo grupo, deve gozar dos mesmos direitos.

Sonhar com a igualdade de direitos torna-nos mais fortes e mais determinados na prática docente. Dificuldades surgirão durante o exercício da docência, e estas dificuldades tornam-se mais fáceis para superar quando vistas com amor.

Assumir o compromisso com a educação é permitir que os nossos alunos se desenvolvam em sua plenitude e ações afirmativas para a inclusão de todos nas escolas tendem a melhorar o ambiente e assim valorizar a diversidade. Permitindo a troca de saberes, aprendemos juntos: professor/aluno, aluno/aluno, professor/professor, ficando mais fácil realizar uma educação com qualidade.

Exercer a profissão com seriedade é um compromisso do professor e ao poder público cabe assegurar condições favoráveis ao cumprimento das leis.

Referências

BRASIL. **Estatuto da pessoa com deficiência**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas. 2015. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/513623/001042393.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

_____. **Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015**. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 15 jun. 2017.

_____. **Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988**. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1?concurso=CFS%202%202018>. Acesso em: 22 set. 2017.

_____. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. **Pluralidade Cultural e Orientação Sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Apresentação dos Temas Transversais e Ética**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRUNO, Marilda Moraes Garcia; ICASATTI, Albert Vinicius; NOZU, Washington Cesar Shoití. Educação inclusiva enquanto um direito humano. **Revista inclusão social**, v. 11, n. 1, p. 21-34. jul.dez. 2017. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/inclusao/article/viewFile/4076/3588>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

ESPANHA. **Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. [s.d.]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Rosalba Maria Cardoso. Política de educação especial na perspectiva inclusiva e a formação docente no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Universidade Federal de Santa Catarina, v. 18, n. 52, p. 239, jan./mar. 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/87561/202904.pdf?sequence=>>. Acesso em: 23 abr. 2017.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Frizman (Org). **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SÃO PAULO. **Referencial sobre avaliação da aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais**. São Paulo: Secretaria Municipal de Educação, 2007. Disponível em: <<http://portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Portals/1/Files/8899.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

TAILÂNDIA. **Declaração mundial sobre educação para todos (conferência de Jontiem)**. 1990. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/pt/resources_10230.htm>. Acesso em: 27 jul. 2018.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem**: Práticas de mudança: por uma práxis transformadora. 11. ed. São Paulo: Libertad, 2010.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.

PESQUISA CIENTÍFICA: UMA BREVE ABORDAGEM

Scientific research: a brief approach

Idalci Frogel Cascaes¹

Ana Paula Klahold Rosa²

Resumo: A pesquisa tem sido foco de discussão em diferentes campos do conhecimento e a pesquisa científica é o meio de iniciação científica na área acadêmica. Pesquisar um determinado assunto exige um tema, uma delimitação clara dos objetivos, justificando sua relevância e métodos utilizados. Sobretudo, a pesquisa exige do pesquisador atenção e análise crítica de material já publicado, revisando estudos realizados e integrando-os com a realidade apresentada, corroborando ou não com os resultados obtidos. Essa pesquisa possui como aporte teórico Demo (2000), Fachim (2002), Marconi e Lakatos (2009) e Ruiz (1996). Assim, é imprescindível a leitura dirigida como forte aliada à pesquisa e à construção do conhecimento. Este trabalho objetiva revisar a literatura para apresentar os componentes de uma pesquisa científica, bem como mencionar sua importância no meio acadêmico.

Palavras-chave: Pesquisa. Pesquisa científica. Leitura dirigida.

Abstract: Research has been the focus of discussion in different fields of knowledge and scientific research is the way of scientific initiation in the academic area. Searching for a particular subject requires a theme, a clear delimitation of the objectives, justifying the relevance and methods used. Above all, the research demands from the researcher the attention and critical analysis of already published material, reviewing studies and integrating them with the reality, corroborating (or not) with the results obtained. Thus, reading is essential as a strong partner to research and the construction of knowledge. This paper intends review literature to present the components of a scientific research, as well as to mention its importance in the academic area.

Keywords: Research. Scientific Research. Guided reading.

Introdução

O dicionário Aurélio (FERREIRA, 1975, p. 1078) define pesquisa como:

1. Ato ou efeito de pesquisar.
2. Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade; investigação, inquirição.
3. Investigação e estudo, minudentes e sistemáticos, com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios relativos a um campo qualquer do conhecimento.

É possível notar nesta definição que a pesquisa está intimamente ligada ao estudo de uma maneira geral, pois é a busca por conhecimento, por respostas a dúvidas e questionamentos.

Pesquisa trata-se de um conjunto de ações com propostas para encontrar a solução de um problema, que se baseia em procedimentos racionais e sistemáticos (BOAS, 2007 apud ALBINO; FAQUETI, s.d.). Assim, a pesquisa, de um modo geral, trata-se de um estudo dirigido acerca de um tema específico, de maneira que se possa verificar o que já foi previamente publicado, no caso de uma revisão literária ou o que a realidade apresenta estudando comunidades ou fatos, o

¹ Acadêmico do Curso de Artes Visuais – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI –. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – FAX (47) 3281-9090 – E-mail: idalci@gmail.com

² Tutora externa – Centro Universitário Leonardo da Vinci – UNIASSELVI –. Rodovia BR 470 – Km 71 – nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – FAX (47) 3281-9090 – E-mail: anaklahold@gmail.com

que corrobora (ou não) com a literatura.

Neste contexto, a pesquisa científica trata-se de uma investigação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia (RUIZ, 2011). É a base da iniciação científica nos trabalhos acadêmicos. Realizar uma pesquisa científica, seja com o intuito de escrever um artigo científico, uma monografia, uma dissertação, ou apenas enriquecer seu conhecimento acerca de temas, exige coleta de materiais e informações de forma criteriosa utilizando metodologia adequada para registrar, com fidelidade, todos os dados.

A pesquisa científica é o resultado de um inquérito ou exame minucioso, realizado com o objetivo de resolver um problema ou responder a um objetivo, recorrendo a procedimentos científicos e metodologia específica.

A leitura dirigida ou informativa é muito importante, já que é o princípio da pesquisa. Registrar a essência do que se lê, com resumos e destaque para as ideias principais, de modo a formar um esquema em que se relaciona, analisa e integra tudo o que está sendo estudado, é um excelente facilitador (MARCONI; LAKATOS, 2009).

Os ensejos que levam à efetivação de uma pesquisa científica podem ser agrupados em razões intelectuais, como o anseio de conhecer pela própria satisfação ou necessidade de conhecimento, e razões práticas, relativo ao objetivo de fazer algo de uma forma mais eficaz ou com intuito acadêmico, entre outros.

Desta maneira, o presente artigo busca expor, de forma clara e objetiva, a relevância da pesquisa e sua importância para os trabalhos científicos, demonstrando as etapas e sua construção, considerando a revisão de literatura de alguns autores na área de metodologia de pesquisa.

Desenvolvimento

Pedro Demo, respeitado professor emérito da Universidade de Brasília, cita que o conhecimento não é copiado, mas, sim, reconstruído. Cabe ao acadêmico iniciar sua reconstrução de conhecimento na graduação, utilizando-se da pesquisa como constante renovação de sua competência. A pesquisa pode ser concretizada no artigo científico (*paper*, em inglês) a ser apresentado em algum seminário ou publicado em alguma revista científica (DEMO, 2000).

É nesta “ansiedade” pelo conhecimento que o acadêmico procura respostas para suas dúvidas ou aprimora e até mesmo reconstrói seus conhecimentos prévios. No decurso da vida acadêmica, é possível experimentar o gosto pela pesquisa, aproveitando o suporte e o incentivo dos docentes e da instituição.

A pesquisa é inerente à educação e ao estudante, não podendo ser dissociada. Demo (1990, p. 16) afirma que a “pesquisa é um processo que deve aparecer em todo trajeto educativo, como princípio educativo [...]”. Fachin (2002) refere-se à pesquisa como um procedimento para aquisição de conhecimento, que surge a partir da observação de um problema.

“Pesquisar toma aí contornos muito próprios e desafiadores, a começar pelo reconhecimento de que o melhor saber é aquele que sabe se superar. O caminho emancipatório não pode vir de fora, imposto ou doado, mas será conquista de dentro, construção própria [...]” (DEMO, 1990, p. 17).

Podemos dizer que todo pesquisador é um estudante ávido por conhecimento em alguma área, que busca compreender a realidade e analisá-la. Seja o pesquisador pertencente ao corpo docente ou ao corpo discente, ambos devem apresentar a proatividade, a fim de não se tornarem passivos diante da realidade. O professor deve prezar pelo exemplo, estando em constante aprendizado e o aluno pela busca constante de ensinamentos e de sua independência.

O conhecimento científico é reconstruído a partir do conhecimento empírico, do senso

comum, que é a base fundamental do conhecer. O conhecimento científico surge da necessidade do ser humano de compreender e se aperfeiçoar, sendo caracterizado pelo estudo sistemático e procedimentos metodológicos (FACHIN, 2002).

Ruiz (2011) menciona a importância da leitura dirigida para integrar conhecimentos, além de enriquecer o vocabulário e facilitar a comunicação. Ao pesquisar, é necessário selecionar textos e publicações relacionadas ao tema de pesquisa e realizar uma leitura inicial. É apenas na releitura que se faz anotações e destaques para as principais ideias, organizando o resumo da leitura, anotando a fonte para posterior citação e referência.

É importante ter em mente os objetivos sobre a pesquisa, de forma a direcionar a leitura sobre o tema, selecionando o material adequado e de maior confiabilidade. Marconi e Lakatos (2009) também citam que esta leitura dirigida, contínua e constante, deve conter alguns aspectos imprescindíveis, como atenção, análise e espírito crítico. Em síntese, existem, as seguintes fases da leitura:

- reconhecimento prévio do assunto: leitura rápida com finalidade de procurar o assunto de interesse;
- pré-leitura que busca localizar as informações;
- seletiva: elimina-se o supérfluo;
- reflexiva: fase em que se aprofunda nas informações do autor, identificando as afirmações e os propósitos;
- crítica: é a avaliação das informações, analisando e julgando as ideias principais, buscando compreender os motivos das proposições;
- interpretativa: relaciona as ideias e as proposições do autor com o tema e os objetivos da pesquisa, justificando e provando ou retificando e negando conceitos.

Neste sentido, faz-se mister que o aluno que chega à graduação saiba efetivamente ler com senso crítico e analítico. O professor universitário tem o papel de incentivar o espírito questionador do acadêmico, levando-o à pesquisa e à construção do conhecimento. Esta é justamente a função da aula: motivar a pesquisa, para que o aluno faça seus próprios questionamentos (DEMO, 1990).

Assim, a pesquisa visa buscar uma indagação inicial, um questionamento a um conjunto de ações a serem executadas para entendimento e esclarecimento do problema. Por isso, é fundamental que o pesquisador tenha domínio da literatura básica do assunto para expor os argumentos de forma explicativa, corroborando com o que já foi pesquisado anteriormente ou discordando e argumentando, analisando as informações sobre o tema e sua relevância.

Marconi e Lakatos (2009) esclarecem que o problema de pesquisa é construído a partir do que se conhece do tema, geralmente de forma interrogativa a respeito de uma dificuldade. Esta dificuldade deve ser segregada de maneira lacônica e objetiva, de modo a facilitar a elaboração da hipótese para solução.

Fachin (2002) esclarece que o início de uma pesquisa científica é o projeto de pesquisa, não tendo um único modelo, segue uma metodologia racional de etapas para o desenvolvimento da pesquisa, com uma sequência lógica, como o problema, a delimitação do problema, os objetivos, a justificativa (a importância e a relevância do tema), a formulação de hipóteses para solução do problema e a metodologia empregada. Assim, o projeto de pesquisa facilita e organiza o planejamento das informações.

O planejamento da pesquisa compreende algumas etapas, como a preparação, as fases propriamente ditas da pesquisa, a execução e o relatório. Na preparação são definidos os objetivos, além da verificação de recursos e cronograma. As fases da pesquisa englobam a escolha do tema

e problema para investigação, o levantamento de dados, a definição do problema de pesquisa em si, bem como a elaboração de hipóteses para solução e métodos, sendo que estes últimos serão a base para análise dos dados levantados e resultados obtidos, bem como a conclusão do estudo, o que caracteriza a fase da execução (MARCONI; LAKATOS, 2009).

É importante notar que a “conclusão” da pesquisa, atualmente, também intitulada “considerações finais”, compreende não apenas os resultados obtidos para os objetivos inicialmente definidos, como também é possível sugerir trabalhos posteriores e estudos mais aprofundados na área de pesquisa para continuidade de determinada pesquisa. Vê-se isto em Ruiz (2011), que comenta que a conclusão deve ser breve, reafirmando e completando a ideia principal, com indicações para novas pesquisas.

Fachin (2002) cita que a pesquisa pode ser bibliográfica, documental, de campo ou de laboratório.

A pesquisa científica, em suas diversas espécies, trata-se de uma averiguação planejada, desenvolvida e redigida de acordo com as normas da metodologia, como a pesquisa exploratória, teórica ou aplicada (MEDEIROS, 2009; RUIZ, 2011). Os mesmos autores também citam a pesquisa de campo, bastante utilizada na área de ciências humanas, mencionando a coleta de dados, seja através de entrevistas, formulários e questionários com registro de variáveis relevantes, além da análise dos resultados obtidos, corroborando com a pesquisa bibliográfica para o embasamento teórico para o tema abordado.

A pesquisa bibliográfica inclui toda a catalogação de material já publicado, sejam livros, artigos de periódicos científicos, trabalhos de conclusão de graduação, dissertações e teses, entre outros. É importante salientar que com o avanço da tecnologia são cada vez mais comuns e acessíveis informações extraídas da internet. No entanto, deve-se ter critério e cuidado com a fonte a ser utilizada, por exemplo, periódicos científicos eletrônicos e base de dados de universidades.

A pesquisa de laboratório permite ao pesquisador realizar experimentos, produzindo fenômenos, controlando e manipulando as variáveis e, ainda assim, ser imparcial e objetivo. Tendo sido determinado o problema de pesquisa, uma breve pesquisa bibliográfica se faz necessária. Logo, são selecionados instrumentos e técnicas convenientes para cada caso, formuladas hipóteses e testadas a partir de estudo do fenômeno e variáveis, analisando os resultados obtidos (RUIZ, 1996).

Marconi e Lakatos (2009) citam que a pesquisa de laboratório é um procedimento mais complexo e também que tem mais exatidão, pois descreve e analisa situações controladas.

A pesquisa documental trata de toda informação oral, escrita ou visualizada, como textos, filmes, fotografias, gravações, pinturas, editoriais, leis, atas, relatórios, ofícios, documentos jurídicos, entre outros (FACHIN, 2002). Dependendo da área estudada, existe uma variedade de documentos a serem consultados.

Assim, cabe ao pesquisador verificar qual é o tipo de pesquisa que seja mais adequado ao seu caso, de acordo com os objetivos, seus recursos disponíveis e o problema de pesquisa a ser analisado.

Os trabalhos científicos são construídos conforme a metodologia de cada tipo de trabalho, geralmente obedecendo a uma ordem natural de introdução, desenvolvimento e considerações finais. Para que o leitor seja atraído para o trabalho, apresenta-se inicialmente o resumo, que é uma síntese, uma apresentação breve e concisa do que trata a pesquisa - um convite ao leitor.

Severino (2007) salienta que o resumo é constituído de um parágrafo único, compreendendo, geralmente, 200 a 250 palavras, ou seja, de 1.400 a 1.700 caracteres, com formatação de texto de acordo com o tipo de publicação a ser preterida.

Considerações finais

A pesquisa é um processo de construção de conhecimento, de estudo e análise a respeito de um tema. Em qualquer tema, sempre temos uma dificuldade, um problema a ser solucionado, que nos instiga a pesquisar.

É possível observar a importância da leitura analítica durante qualquer tipo de pesquisa, especialmente a científica, visto que é a partir desta que o acadêmico deixa a postura submissa de apenas “aprender” o que lhe é “ensinado” pelo docente. Este último se torna o maior incentivador e motivador para que o acadêmico se torne independente. É através da leitura que se relaciona e integra o que está sendo estudado para a construção do conhecimento, além de enriquecer o vocabulário, o que melhora a compreensão e a comunicação escrita e oral.

Desta forma, o acadêmico inicia sua jornada na busca pelo conhecimento, através da pesquisa científica. Para a execução desta, há algumas etapas, como delimitação dos objetivos e do problema, que vem a ser o objeto de estudo. Tendo estas definições, pode-se realizar a revisão de literatura e a escolha do tipo de pesquisa, que pode ser bibliográfica, de campo, documental ou de laboratório.

Com este problema de pesquisa, elabora-se as hipóteses para solução de acordo com métodos para análise de dados levantados e resultados obtidos. Estes podem ter relação (ou não) com a literatura pesquisada. É com isso que o pesquisador pode traçar paralelos entre a realidade e a literatura existente.

Toda a pesquisa científica segue uma metodologia específica e seu layout de apresentação obedecerá às normas, dependendo do tipo de trabalho e do tipo de publicação a que se destina.

Sugere-se um aprofundamento na relação entre a leitura e a pesquisa na realidade das faculdades e universidades brasileiras.

Referências

ALBINO, Sirlei de Fátima; FAQUETI, Marouva Fallgater. **Projeto de pesquisa**. Instituto Federal Catarinense – Campus Camboriú. [s.d.]. Disponível em: <<http://biblioteca.ifc.edu.br/wp-content/uploads/sites/9/2014/07/Como-elaborar-um-projeto-de-pesquisa-de-Inicia%C3%A7%C3%A3o-Cient%C3%ADfica.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DEMO, Pedro. **Pesquisa: princípio científico e educativo**. São Paulo: Cortez, 1990.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1. ed. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed. 2. reimpr. São Paulo: Atlas, 2009.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. 5 reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. 5. reimpr. São Paulo: Cortez, 2007.

Artigo recebido em 20/05/17. Aceito em 03/08/18.